

2ª Série-Ano 1 Nº 22
 Quinta-feira
 de 25/02 a 03/03
 1999
 Fundado em 1852
 100\$00/0.50€
 Diretor
 Lino Vinhal
 Propriedade


CAMPEÃO

das províncias



Microsoft
 COMPAQ
 PHILIPS
 EPSON
 W3 Computadores
 R. Cândido de Sá, 126-A - AVEIRO - Tel. 031.303300



Entrevista com o governador civil

Aveiro tem peso político

Para Antero Gaspar, o distrito de Aveiro está, definitivamente, no bom caminho. Da segurança à protecção civil, passando pelas acessibilidades e questões ambientais, muito se tem feito, nos últimos anos. A falta de peso político, em tempos tão apreçada, é uma questão que, diz, está hoje completamente ultrapassada.

Páginas 2 e 3

Florinbas do Vouga têm ajuda dos leitores do nosso jornal

Página 5

Ano Internacional dos Idosos

A medusa poderá ter o segredo da eterna juventude

Cientistas italianos procuram descobrir o segredo do rejuvenescimento na medusa do mar. É a eterna questão da procura da eternidade.

Página 12



Referendo na Escola Secundária da Gafanha da Nazaré

Página 9

Dois novos autocarros em rodagem

Página 7

Pescadores de Esmoriz vão analisar a proposta do Governo

Página 9

PSP pede colaboração no combate à criminalidade

Um retrato-robô do "rato" da cidade

Página 13

Caneira em dúvida para o jogo com os "leões"

Página 17



MERCENTRO O SEU CONCESSIONÁRIO OFICIAL MERCEDES-BENZ.

► NA MERCENTRO, CONCESSIONÁRIO OFICIAL DA LINHAS E PEÇAS MERCEDES-BENZ. ► VENHA À MERCENTRO FAZERMOS UMA MERCEDES-BENZ AVEIRO, VÍCI, VAL TUE UMA VISITA E APRECIAR O NOSSO ATENDIMENTO PESSOALIZADO, COM UMA QUALIDADE DE SERVIÇO. ► ALÉM DE UM EXCELENTE SALÃO DE ESPORTE, EQUIPAMENTO E MODO DE BRANDEADO QUE LHE DÊE PODER, APLICAR OS SEUS RECURSOS PROMOVEREMOS UMA AUDIÊNCIA TÉCNICA COM OS MODELOS MERCEDES-BENZ, ENCONTRARÁ TAMBÉM A AUDIÊNCIA DE ALTOS PADRÕES DE QUALIDADE A MAIS ALTA QUALIDADE EM VEÍCULOS COMERCIAIS, DE UMA ORIGEM MERCEDES-BENZ.

Mercentro - Comércio Automóvel, S.A.

Carilândia de Aveiro - 4810

Tel. 031.303300

Fax 031.303300

Mercentro

Mercentro

Mercentro

Mercentro

Mercentro

Mercentro



Antero Gaspar

«Não é por falar mais alto que se fazem valer os direitos»



Já lá vai o tempo em que Aveiro poderia ter razões de queixa do Governo. Assim pensa o governador civil para quem está completamente ultrapassada a fase em que «não havia correspondência da dinâmica e capacidade empreendedora dos aveirenses com os investimentos públicos». Antero Gaspar justifica, desfiando um rol de obras e projectos concluídos, ou em curso, na região de Aveiro. «O importante é não subestimar a nossa capacidade política e reivindicativa». Acredita num reforço das competências e atribuições dos governadores civis, a par de uma descentralização e descentralização dos serviços do Estado.

Paula Ventura

Campeão das Províncias (CP) – Nos últimos tempos, tem-se verificado um aumento significativo da pequena criminalidade, nomeadamente, na cidade de Aveiro. As forças da ordem queixam-se de falta de meios... O que é que pensa sobre esta questão? Existem ou não razões para nos preocuparmos?

Antero Gaspar (AG) – Sobre a questão da segurança pública, o sentimento de insegurança existin-

te no distrito há três ou quatro anos atrás, era mais preocupante do que é hoje. Efectivamente, temos indicadores, que reflectem a opinião da população, e que nos dão conta de uma apreciação positiva da parte dos aveirenses relativamente à segurança. No entanto, nós temos que reconhecer que, independentemente do grande esforço do actual Governo nesta área, considerando-a como área prioritária de interven-

ção e investindo substancialmente ao nível de meios materiais, nos instalações, construção de novos quartéis e de mais efectivos – uma política sem paralelo nos últimos anos –, os níveis de criminalidade têm-se mantido e, nomeadamente, os índices de gravidade dos crimes cometidos tem vindo a diminuir, mas, o que é importante aqui realçar é que não podemos deixar de associar a pequena criminalidade ao consumo e tráfico de droga...

CP – Mas as forças da ordem continuam a queixar-se da falta de meios para fazer frente, nomeadamente, à pequena criminalidade...

AG – Como digo, os reforços dos meios financeiros para segurança têm atingido valores sem qualquer comparação com o passado. Há um esforço enorme por parte do Governo no sentido de criar e melhorar essas condições.

CP – Na sua opinião, as polícias municipais poderiam resolver estes problemas?

AG – O objectivo do Governo, dentro do princípio de policiamento de proximidade, e depois da aprovação do diploma ao nível da Assembleia da República, é avançar com as polícias municipais, indo ao encontro dessa grande preocupação da sociedade. As polícias municipais vão ter um papel fundamental na dissuasão da criminalidade e na redução significativa de situações que têm a ver com a pequena criminalidade, porque é esta que vem registando, em termos globais, valores idênticos a iguais períodos dos anos anteriores, ou então, um crescimento. Esta é uma realidade que não é nosso distrito. É uma situação que está relacionada com o facto da nossa região apresentar grande dinamismo e de

grande crescimento económico. A situação preocupa-me sempre. É necessário tomar medidas, mas é também necessário que a própria sociedade participe neste esforço, porque não é apenas o trabalho árduo das forças de segurança que vai dar resposta a essas preocupações; as comunidades e os municípios devem ter também uma preocupação nesta matéria. Mas, apesar de tudo, a segurança já não é, hoje, considerado um problema grave da nossa sociedade. Outras questões são, neste altura, mais importantes.

CP – Em relação à protecção civil e ao processo de remodelação em curso, o que pensa? A coordenação dos serviços tem sido alvo de algumas críticas, acha que a coisas vão melhorar?

AG – A protecção civil

«O cargo de governador poderá merecer mais competências e atribuições»



deve ser, cada vez mais, encarada como uma tarefa da própria sociedade em si. É uma responsabilidade comum em que o Estado, através dos seus serviços com competência nessa área, mas também as autarquias e as instituições com intervenção nesse âmbito, devem, a meu ver, contribuir e trabalhar em conjunto, no sentido de dar resposta às situações de emergência. Efectivamente, tem existido uma grande coordenação dos serviços municipais, com os serviços distritais e serviço nacional. Nós temos os 19 municípios do distrito com serviço municipal de protecção civil. Esta é uma área que começa a ser reivindicada por parte dos cidadãos, o que revela uma

maior sensibilização e preocupação e, como tal, esta começa a ser considerada uma importante área de intervenção municipal. Entretanto, está em curso um processo de reestruturação dos serviços de protecção civil, integrando todos os serviços ligados à segurança e protecção das pessoas e bens num único serviço; este projecto está elaborado e, provavelmente, a curto prazo, será apreciado em Conselho de Ministros. O objectivo será articular de forma mais eficaz e operacional, as competências do Serviço Nacional de Bombeiros e do Serviço Nacional de Protecção Civil. Temos todas as razões para dizer que, em relação ao distrito de Aveiro, o serviço distrital e os serviços municipais de protecção civil têm actualdo, no terreno, com a efi-

cácia e eficiência que as situações requerem. Avaliando, objectivamente, os dados dos últimos anos, temos vindo a melhorar a intervenção, reduzindo, significativamente, por exemplo, o número de fogos (em termos relativos)... Não há motivo para colocar em causa os serviços distrital ou nacional de protecção civil.

CP – Em relação à campanha de prevenção e fogos florestais, já estão delineadas as acções para este verão?

AG – O actual Governo, ao longo dos últimos três anos, tem vindo a investir apostando, prioritariamente, na prevenção. Temos conseguido resultados considerados muito positivos. É de registar um

grande esforço dos bombeiros, que registam grande número de intervenções não só na área do distrito, mas também para além dela, e o papel das Forças Armadas ao nível do patrulhamento. É também importante ter consciência que cerca de 56% da área do distrito de Aveiro é considerada área de grande risco. Para este ano, prevemos um investimento em infra-estruturas florestais e vigilância móvel motorizada de 73 mil 231 contos, o que significa um crescimento de 29,3% relativamente a 1998; já temos também as candidaturas para o ano 2000, apresentadas pelos respectivos CEEFs (Comissões Especializadas de Fogos Florestais) municipais e que apontam para um investimento na ordem dos 67 mil 904 contos – ainda sujeito a reajustamentos. São verbas que se destinam à abertura e reparação de caminhos, pontos de água e equipas de vigilância. Para além disso, existe também uma candidatura à limpeza das maras, uma acção ainda não contabilizada.

CP – Há uns anos atrás, o governador civil promoveu uma viagem pelas estradas do distrito para diagnosticar os «pontos negros» e avançar com as soluções. O que foi feito, entretanto?

AG – Os «pontos negros» do distrito têm vindo a reduzir significativamente, porque, real, realmente, existiu um grande empenhamento na segurança rodoviária. O distrito de Aveiro foi considerado, em 1997, o terceiro distrito do país, em termos de sinistralidade rodoviária vitimas – acidentes com vitimas mortais –, o que era preocupante. Mas, comparando os dados de 97 com os de 98, verificamos uma redução significativa de vitimas mortais... É evidente que continuamos

preocupados, mas o facto é que já conseguimos reduzir o número de vítimas mortais em cerca de 40. Estes resultados esto, naturalmente, relacionados com as ações levadas a cabo pela Comissão Distrital da Segurança Rodoviária em colaboração com os municípios e escolas, promovendo campanhas de formação e sensibilização junto das populações, e também outras ações visando a melhoria da segurança rodoviária. Mas, garante que, efectivamente, grande parte desses "pontos negros" foram já reduzidos.

CP - Em termos de ações concretas, o que é que o actual Governador tem feito em prol do nosso distrito? E das ações em carteira, o que destaca?

AG - Temos consciência de que, ainda num passado recente, não houve uma correspondência da dinâmica e capacidade empreendedora dos azeitunenses com os investimentos públicos a que se tinha direito e que Aveiro merecia. É evidente a preocupação do actual Governador em alterar esse comportamento e esta relação, dando respostas positivas às diversas preocupações dos azeitunenses. Mas reivindicações mais antigas e de maior dimensão prendem-se com as questões ligadas às acessibilidades e de natureza ambiental. Alguns exemplos são suficientes para demonstrar que o distrito de Aveiro entrou, definitivamente, num novo ciclo: o ICI, entre Maceda e Vagos, obra de cerca de 60 milhões de contos, encontra-se numa fase de análise de propostas; a transformação do IPS em perfil de auto-estrada, trabalhos orçados em 60 milhões de contos, encontra-se também em fase de análise de propostas; a variante de Águeda, uma obra

em curso, de mais de cinco milhões de contos; as obras de beneficiação e rectificação da EN (estrada nacional) 327, entre Vale de Cambra e Arões, e EN 328, entre Vale de Cambra e Sever do Vouga, em valor superior a três milhões de contos; a obra de conclusão da estrada nacional 224, ligação de Vale de Cambra ao IC2 em Oliveira de Azeméis; os trabalhos de ligação do nó de Espinho, na auto-estrada nº1, à EN1/IC2, no Picoto, de custo superior a 1,2 milhões de contos; a obra da variante da Paradelas, EN 328, de obra de 300 mil contos; e a obra da variante ao centro de Sever do Vouga, também na EN 328, que vão permitir uma melhoria da ligação ao nó das Talhadas, no IPS, e por

«Devemos ser firmes na capacidade de acreditarmos em nós próprios»

isso, também uma melhor acessibilidade do concelho severense ao litoral; a obra do nó do Carveiro, a aguardar o visto do Tribunal de Contas, e que inclui a duplicação do troço do IPS entre o nó da auto-estrada nº1, em Albergaria, e o nó da EN1/IC2, orçada em mais de 1,5 milhão de contos; a obra, em curso, do quartel distrital da PSP; que ascende a mais de um milhão de contos, para além de outras, nomeadamente novas instalações já construídas e em curso, para melhorar as condições de funcionamento as forças de segurança em todo o distrito. Depois, há ainda a registar a ECTRI (Estação colectiva de tratamento de resíduos industriais) de Águeda, já construída e

em funcionamento; a grande obra de despoluição da Ria de Aveiro; a primeira fase do desassoreamento da Ria; as obras de recuperação e defesa da costa; as obras de qualificação ambiental e despoluição da baía do Cêrmita e da Pateira de Ferment-



los; Aveiro foi escolhida pelo Governo para primeira Sector Digital do país no cidade da educação, a forte aposta no ensino pré-escolar e a política de construção de novas instalações,



bem como a obrigatoriedade da construção de pavilhões desportivos e de bibliotecas em todas as novas escolas — uma nova estratégia que envolve o investimento de 10 milhões



de contos, nesta legislatura, para o distrito de Aveiro, só para construções escolares e pavilhões desportivos para o 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário. Não posso ainda deixar de realçar a grande medida que foi a

implementação do Rendimento Mínimo Garantido (RMG).

CP - Acredita mesmo na eficácia desta medida? Não se estará, mais uma vez, a adiar os problemas?

AG - Com certeza que acredito, porque não estamos apenas a dar o pei-

«O distrito de Aveiro entrou, definitivamente, num novo ciclo»

xe, mas também a ensinar a pescar. É uma medida que reconduz os beneficiários ao plano de dignidade humana, devolvendo direitos de cidadania. Em Dezembro de 98, o RMG estava a beneficiar, 13 mil 358 azeitunenses, dos quais 7 mil 904 estão abrangidos pelos acordos de inserção às prestações pagas, em 98, envolveram um milhão 579 mil contos.

CP - Ainda há pouco falava na falta de adequação das medidas do Governo à dinâmica do distrito; voltamos à velha questão da falta de peso político de Aveiro, ou esse é um problema ultrapassado?

AG - Eu julgo que essa é uma ideia ultrapassada.

«Há três ou quatro anos o sentimento de insegurança era mais preocupante»

Não é por falar mais alto, não é por mediatizar reivindicações ou organizar manifestações, que se fazem valer os direitos. Quando, finalmente, se têm respostas positivas às grandes questões que preocupam os azeitunenses, não há razões

para considerar que Aveiro tem falta de peso político. Não devemos, de forma alguma, e a pretexto do que quer que seja, subvalorizar o sucesso ou subestimar a nossa capacidade política e reivindicativa, porque ela tem sido evidente nos últimos tempos. Devemos ser firmes na capacidade de acreditarmos, sobretudo, em nós próprios. É falta de peso político termos avançado com as obras da Capitanita? Temos avançado com a alteração do estatuto do Porto de Aveiro? Termos iniciado, finalmente, a grande obra de despoluição da ria? Termos iniciado a construção de aterros sanitários para dar resposta ao problema dos resíduos sólidos urbanos no distrito? É falta de peso político a candidatura de Aveiro ao Euro 2004? As candidaturas aprovadas do programa "Idosos em lar", no valor de 800 mil contos? E podia continuar...

CP - O governador é um regionalista. O país e Aveiro, concretamente, disseram não à regionalização. Acha que o nosso distrito ficou a perder?

AG - Sempre fui um adepto convicto da regionalização, defendendo uma aproximação dos cidadãos dos centros de decisão, o aperfeiçoamento da democracia através da participação activa, o mais alargada possível, dos cidadãos nas decisões de âmbito local e regional; por isso, pela dinâmica económica e social dos distrito de Aveiro, penso que não teríamos nada a perder. Mas, embora a regionalização tenha saído derrotada, foi positiva a realização do referendo, porque permitiu um debate sobre a descentralização e o desenvolvimento, colocando todos de acordo, mesmo aqueles que num passado recente estavam de costas

voltadas para o municipalismo e para a descentralização.

CP - Acha que a divisão do país em distritos tem futuro?

AG - É um debate que deverá ser feito com seriedade e a seriedade política estas questões merecem; eu considero que os distritos dispõem de estruturas e de capacidades que poderão ser potenciadas, dependendo, evidentemente, da organização administrativa a implementar.

CP - E o cargo de governador civil?

AG - Eu julgo que o cargo de governador civil poderá vir a merecer mais competências e atribuições, tendo em consideração a importância da descentralização e da necessidade de articulação dos diversos serviços desconcentrados do Estado.

CP - Entende então que o cargo de governador está subaproveitado...

AG - Eu entendo que a evolução das competências das atribuições dos governadores civis ao longo dos tempos, sobretudo de há 30 ou 40 anos para cá, não se alterou muito; antes do 25 de Abril havia uma competência de ordem política em que o governador civil tinha um papel mais interventivo: o Estado era centralista, os autarcas não eram eleitos democraticamente e o governador tinha uma intervenção adequada ao sistema não democrático que existia. Penso que o cargo poderá vir a merecer mais competências, mais atribuições, tendo em consideração as capacidades, as estruturas existentes e aquilo que é importante num processo de descentralização e de desconcentração.

Aveiro têm vindo a merecer uma especial atenção nos últimos anos, tendo em conta um conjunto de políticas que vão colmatar lacunas, nomeadamente, ao nível de estrangulamentos estruturais desses municípios. O interior começa agora a ser alvo de atenção simultaneamente com as áreas mais densificadas. Esta preocupação tem sido uma constante no actual Governador. Refiro-me às acessibilidades rodoviárias, que são factores determinantes para estancar a desertificação que se verifica nos concelhos do interior; nesse sentido, estou em curso uma série de obras nos concelhos de Vale de Cambra, Castelo de Paiva e

Arouca; aqui reside a diferença entre este e o anterior Governador. Lembro-me do dr. Ferreira do Amaral me dizer que "a prioridade são os principais eixos rodoviários do país, só depois vamos pensar nas acessibilidades ao seu município... se fosse assim fosse, este Governador ainda não teria avançado com as obras que já estão em curso. Por outro lado, a construção de novos equipamentos ao nível da saúde, do ensino, da cultura — refiro-me ao grande plano do Ministério da Cultura para a construção de uma biblioteca municipal em todos os municípios do país —, são factores determinantes de atracção no sentido de fixar as populações».

As assimetrias entre litoral e interior

«Eu tenho uma experiência autárquica de quatro mandatos como presidente de Câmara, o que me dá conhecimento para falar sobre esta questão de uma forma abrangente. Eu considero que a descentralização, agora num modelo diferente daquele que eu gostaria, onde mais se faz sentir, de forma mais posi-

va, é nos concelhos do interior, porque? Porque, efectivamente, a maior preocupação de um poder centralizado, como o nosso, é a de ir ao encontro das necessidades dos eixos e zonas de maior concentração, de maior crescimento económico e social; é uma tendência natural. Os concelhos do interior do distrito de

De 18 a 20 de Março, em Salamanca Jornadas internacionais sobre a discapacidade

Vão decorrer em Salamanca, de 18 a 20 de Março, as III Jornadas Científicas de Investigação sobre as Pessoas com Discapacidade, sob o lema: "Para uma nova concepção da discapacidade".

Estas jornadas foram organizadas pelo Instituto Universitário de Integração na Comunidade (INICO), a Universidade de Salamanca e o IMERSO.

Objetivos das jornadas: proporcionar um fórum de encontro e discussão de carácter pluridisciplinar e aberto aos profissionais que trabalham e investigam no campo da discapacidade e a atenção social; fomentar o desenvolvimento e difusão da investigação rigorosa e de qualidade sobre a discapacidade; propor meios que permitam aproximar o mundo científico e o profissional, com vista à inovação e transformação dos serviços sociais, educativos e de saúde; desenvolver vias de intercâmbio e participação entre investigadores de Espanha, Portugal e Ibero-América; difundir experiências, inovadoras e relevantes, que respeitem à problemática das pessoas com discapacidade.

Nas jornadas participam especialistas de várias universidades espanholas e estrangeiras, assim como representantes das principais entidades de menos-válidas de Espanha: ONCE, COCENFE, FEABS e CNSE.

As inscrições, cujo prazo termina na próxima segunda-feira, podem ser feitas no INICO - Faculdade de Psicologia, Avenida de La Merced, 109-131, 37005 Salamanca, ou por telefone (923294617) ou por fax (92329468).

Saramago promove a ilha de Lanzarote

A Televisão Espanhola (TVE) foi a Berlim promover a sua oferta de documentários, no mercado europeu do cinema, paralelo ao Festival de Cinema de Berlim.

Um dos documentários que mais interesse despertaram foi o da ilha de Lanzarote, da série "Esta es mi tierra", apresentado por José Saramago.

CP: greve de zelo de 2 a 31 de Março

A Federação dos Transportes, Comunicações e Obras Públicas e o Sindicato Independente dos Ferrovários marcaram uma greve de zelo na CP, com início na próxima terça-feira e fim no dia 31 de Março.

Em comunicado, as duas estruturas sindicais referiram que a paralisação abrangirá "todos os trabalhadores da CP/ Caminhos-de-Ferro Portugueses EP, independentemente da sua categoria profissional ou local onde prestem serviços".

Os ferroviários recusar-se-ão, nomeadamente, ao trabalho em dia de descanso ou feriado, ao trabalho para além do horário de seis ou dez horas, ao trabalho cujo horário de entrada e/ou saída se situe entre as 2 e as 6 horas, ao trabalho cujo repouso entre dois períodos normais de serviço seja inferior a 14 horas e ao trabalho nos ramais particulares.

Trabalhadores dos impostos ameaçam paralisar

Os trabalhadores dos impostos ameaçam paralisar, no início de Março, no decorrer do prazo de entrega das declarações de IRS, como forma de protesto à reestruturação de carreiras proposta pelo Governo.

Os trabalhadores, que se queixam de o estudo sobre a reestruturação da carreira apresentado pela Administração Fiscal propor uma "redução do leque salarial", um "bloqueio da progressão na carreira" e a "extinção de algumas categorias" na profissão, estão a elaborar uma "plataforma reivindicativa dos trabalhadores dos impostos".

XXI Congresso Nacional do PSD Marcelo com boa nota na primeira "frequência"

Marcelo Rebelo de Sousa obteve, no passado fim-de-semana, no Coliseu do Porto, mais uma vitória — a sua quarta, em congressos do PSD, desde que assumiu a liderança, em 31 de Março de 1996.

Com o resultado da votação no congresso do Porto, nada impede agora o líder de concretizar a sua estratégia assente na Alternativa Democrática (AD) até às eleições legislativas, salvo um desaire nas eleições europeias de Junho.

O XXI Congresso Nacional do PSD foi, à semelhança do que aconteceu em Tavira, marcado pela falta de vontade de Duário Barroso e Santana Lopes, "rivals" de Marcelo Rebelo de Sousa, em disputarem a liderança do partido.

Duário Barroso pôs de lado quaisquer dúvidas quanto ao apoio a dar ao líder do PSD, manifestando o apoio "inequívoco" à estratégia de Marcelo Rebelo de Sousa. Duário

Barroso não quis adiantar mais pormenores, limitando-se a apresentar os parabéns a Marcelo e a dar conta da sua disponibilidade para "os combates" do PSD.

Ao contrário de Santana Lopes e António Capucho, Duário Barroso manteve-se à margem da polémica sobre se Marcelo obteve ou não 80%

dos votos. Na verdade, Santana Lopes e António Capucho contestaram os resultados do XXI Congresso Nacional do PSD e consideram que Marcelo não conseguiu os dois terços, ainda, que reconhecendo ter o líder do PSD conseguido uma forte maioria.

As contas de Santana Lopes e de António

Capucho indicam que Marcelo Rebelo de Sousa alcançou apenas 64,59%, perdendo por 12 votos os dois terços que tinha pedido. A questão pôs-se em torno do método utilizado para a contagem dos votos, já que o presidente do Conselho de Jurisdição, Mota Amaral, decidiu não apurar os 171 votos nulos e brancos.



Leonor Beza e Marcelo Rebelo de Sousa, as figuras dominantes do congresso.

Com sede em Guimarães

Instituto Popular de Intervenção Política

O Instituto Popular de Intervenção Política, criado na passada sexta-feira, constituiu-se para promover e apoiar a promoção de ações políticas.

A associação, com sede na Rua de Santo António, nº88, em Guimarães, propõe-se "estudar, difundir e divulgar os valores e as ideias que constituem património comum do pensamento da Direita", com o apoio a respectiva vivência.

Para tal, procurará "fazer o levantamento, no espaço e no tempo, das realidades portuguesas, especialmente nos seus aspectos histórico, económico,

político e social, e intervir, se o julgar apropriado, na vida pública"; "dinamizar a cooperação entre pessoas, quer singulares quer coletivas, visando a realização dos fins sociais"; "desenvolver e difundir, interna e externamente, uma cultura integral, baseada nos valores iminentes aos princípios formulados, e nas realidades e substrato da nação portuguesa, entendida como memória e projeto; "promover e divulgar a cultura e a língua portuguesa no âmbito dos estudos da diáspora"; "fornecer aos seus associados e beneficiários, permanentemente,

informação, por todos os meios de comunicação possíveis; e "apoiar as ações e iniciativas de interesse regional e nacional conformes às leis vigentes e que se considere serem potencializadoras dos objectivos sociais, nomeadamente através da criação de condições para uma reflexão nacional e aprofundada sobre a desconcentração e descentralização do poder político".

No sentido de expandir a prática ativa que se propõe, o Instituto Popular de Intervenção Política irá constituir um centro de estudos e documentação, realizar confe-

rências, colóquios, seminários, encontros, congressos e ações similares; promover a edição de publicações, de carácter periódico ou não, bem como intervenções nos órgãos de comunicação social; constituir uma biblioteca; e apoiar os seus sócios que sejam militantes de partidos políticos, recolhendo, centralizando e circulando informação, quer por meios informáticos, quer por meios tradicionais, quer relativamente a pessoas quer relativamente a regulamentações, formulários e dados eleitorais e outros, que convenham aos fins sociais.



Compre o "Campeão das Províncias" e estará a ajudar as Florinhas do Vouga

Por deliberação do Conselho de Administração da Fundação para o Estudo e Desenvolvimento da Região de Aveiro (FEDRAVE), desde a última semana o produto das vendas do CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS reverte, integralmente, para uma instituição de solidariedade social da cidade de Aveiro: as *Florinhas do Vouga*, obra notável de assistência e amparo aos que mais precisam e, dentro destes, aqueles cujo infortúnio não nos pode deixar ficar indiferentes — as crianças.

Assim, cada escudo gasto na aquisição deste semanário é um escudo destinado, também, à solidariedade social.

Com esta deliberação, o Conselho de Administração da FEDRAVE sente cumprir um dever e realizar um dos objectivos que animam a nossa Fundação: dentro das suas possibilidades contribuir para o desenvolvimento do meio em que se insere. A palavra final, como sempre, caberá aos leitores do CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS.

Aveiro, 25 de Fevereiro de 1999

O Conselho de Administração da FEDRAVE

O gatuno escapou trepando aos telhados

Na madrugada de segunda-feira, um homem, ainda não identificado, tentou assaltar a ourivesaria "Pérola da Avenida", na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho. As suas intenções não se concretizaram, porque a polícia, que circulava na área, ouviu o alarme da ourivesaria e actuou. O perseguido conseguiu fugir, trepando aos telhados e, arrombando a porta de um edifício, escapou aos agentes que ainda atiraram alguns tiros para o ar, como intimidação.

Na passada segunda-feira, pelas 18 horas, foi detido um indivíduo, de 31 anos, que tinha em sua posse 7 g de haxixe. Juntamente com a droga, foi-lhe apreendida uma navalha, duas carteiros de "Valium" (uma com 19 comprimidos de 5 mg e outra com 22 de 5 mg), e uma seringa.

Em Esqueira, no passado domingo, foram detidos dois indivíduos de 32 e 33 anos, também, por terem em

suas posse 0,2g de heroína. A detenção aconteceu na Rua da Nossa Senhora das Necessidades, pelas 23,15 horas. Junto com a droga, foi-lhes também apreendida uma quantia em dinheiro. Os detidos alegaram que a droga se destinava a consumo próprio.

Na passada sexta-feira, pelas 20 horas, foram detidos, pela PSP de Aveiro, três dos quatro indivíduos, com ideias compreendidas entre os 14 e os 20 anos, envolvidos numa tentativa de assalto. Depois de abordarem um transeunte, levaram-no para um terreno baldio, junto à Rua das Pombas, onde o agrediram, para consumarem o acto. A "valentia" fugiu-lhes, no entanto, quando se deram conta de haver um espectador imprevisto das suas artes. O assaltado apresentou, de imediato, "quexa" na PSP que, lesta, deteve três dos "artistas", já que o quarto era de menoridade.

Na reunião do executivo camarário Arranjos envolventes ao pavilhão dos Galitos adjudicados por 110 mil contos

A Câmara Municipal de Aveiro adjudicou a obra para os arranjos envolventes ao pavilhão dos Galitos, orçada em cerca de 110 mil contos. A Emarat, irá proceder, também, à pedonização das ruas Combatentes da Grande Guerra e de Coimbra, pelo valor de 81.500 contos. O prazo de execução da primeira empreitada termina em Junho, enquanto que a segunda obra deve estar concluída dentro de meio ano.

A autarquia procedeu, ainda, à adjudicação das obras de beneficiação num dos edifícios municipais, onde estão instalados o Coral Polifónico de Aveiro e o Aveiro Basket, pelo valor de 2000 contos.

No âmbito do concurso do PROCOM, farão parte do júri os vereadores Eduardo Feio e Vítor Marques, da Câmara Municipal de Aveiro, para além dos técnicos José Quintão e Emília Lima; um representante da Associação Comercial (a definir); Pedro Brandão, do Centro Português de Design; e a designer Paula Gris.

O executivo camarário aprovou, também, a atribuição de um subsídio no valor de 650 contos para a "II Semana Gastronómica da Vera Cruz", bem como um apoio ao concerto do grupo musical Belle Chase Hotel, que actuará, no próximo dia 19 de Março, no Teatro Aveirense, pelas 22 horas.

Cultura em francês na Royal School

A Royal School of Languages vai levar hoje a efeito uma *soirée* dedicada a todos os alunos que estudaram e estudam a língua francesa.

A sessão conta com a presença de alguns convidados cuja vida profissional tem a ver com o estudo e/ou ensino do francês, bem como de todos os alunos que, tendo feito o exame da *Alliance Française*, recebem os seus diplomas obtidos. Para abrir a *soirée* estará presente, em Aveiro, a directora da *Alliance Française* de Coimbra, já que a Royal School é, em Aveiro, o "centre associé" daquela escola.

Durante a entrega de diplomas, haverá ainda momentos de grande beleza poética, já que a música e a poesia vão ser também uma das tónicas deste momento cultural.

Será oferecido um porto de honra aos convidados, com especialidades gastronómicas tradicionalmente francesas.

"Vanità" reabre com nova imagem

Na Rua do Dr. Alberto Souto, desde há 14 anos que na "Vanità" se pode encontrar uma variada gama de vestuário feminino. Mas, como nos disse Maria Arminda Lopes, proprietária da loja, «é preciso acompanhar o desenvolvimento da cidade. Temos que evoluir; por isso, decidi renovar a imagem da loja. Já precisava...»

E a nova "Vanità" abriu as suas portas no pretérito sábado. Estiveram presentes a clientela habitual e os amigos. Durante o beberete houve um desfile com as peças da nova colecção.

Apostando na forma de atendimento que só o pequeno comércio pode dar, Maria Arminda afirma que o seu negócio não sofreu nada com abertura do Forum. «Até pelo contrário, o Forum dinamizou a cidade, e isso, é muito bom para nós».

Com o espaço remodelado e «mais bonito», a "Vanità" continuará a ser a mesma: «Vamos continuar a nossa aposta no bom atendimento, na simpatia e na qualidade das marcas que vendemos. Não são peças caras, mas têm excelente qualidade e cortes modernos. É preciso crescer...»



Vanità - um espaço renovado



RESTAURANTE Abílio Marques

(Abílio dos Frangos)

CASAMENTOS
BAPTIZADOS
FESTAS
ETC.

Frango de Churrasco
Leitão à Bairrada
Arroz malandros

BONSUCESSO - ARADAS - 3810 AVEIRO - TELEF. 23457 - FAX 381412

Uma tradição com 110 anos

Procissão dos Passos

No cumprimento de uma tradição com pelo menos 110 anos de existência, a procissão de Nosso Senhor dos Passos e realiza-se, em Aveiro, no próximo domingo, pelas 16 horas.

O ponto alto da cerimónia religiosa acontecerá junto à Cooperativa de Ensino Santa Joana, onde se dará o encontro entre as imagens de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade. Nesse momento será cantado o *Miserere*.

A procissão segue o itinerário habitual e na Praça do Peixe, a imagem de Nosso Senhor dos Passos é voltada para o lado do mar.

Terminada a procissão, as imagens recolhem à Igreja do Carmo, onde será pregado o sermão do Calvário.

No caso do tempo não permitir a saída da procissão, esta realizar-se-á no domingo seguinte, dia 7 de Março.

No entanto, as cerimónias começam já amanhã, pelas 21,30 horas com a saída de Nossa Senhora da Soledade da Igreja do Carmo para a Igreja de S. Gonçalo.

Muitas despesas e pouca ajuda

«É uma pena que tenhamos que andar a pedir de porta em porta para que possam angariar dinheiro para as despesas. Somos nós — membros da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos — que conseguimos manter esta tradição», referiu João dos Reis, vogal da Irmandade. As despesas que têm, são muitas: «A Banda de Eixo temos que

pagar 100 contos, à Banda Amizade 250, fora as outras despesas com as velas, a renovação do espólio, etc., o que ronda os 300 contos. Contamos com um grande apoio da Junta de Freguesia da Vera Cruz e com aquilo que conseguimos arrecadar através dos pedinteiros, das quotas dos irmãos de Nosso Senhor dos Passos e dos donativos de algumas empresas. A Câmara não nos ajuda em nada! Quando falamos com as bandas pusemos a hipótese de pedir um subsídio à autarquia, de forma a que nos diminuíssem as despesas, mas o protocolo que existe entre a Câmara e as bandas não prevê este tipo de iniciativas.

Por isso, nada feito. Não estou a cobrar aquilo que, com amor e dedicação, fizemos, mas estas coisas são boas para a cidade. Temos que manter as tradições e a Câmara deveria colaborar. Estas iniciativas trazem muita gente a Aveiro. Enquanto houver esta boa-vontade, isto vai existindo, quando acabar esta geração... não sei...», lamentou João dos Reis.

Esta procissão é organizada por um conjunto de pessoas liderado por João da Maia Sardo, tesoureiro da Irmandade, e que, neste momento, acumula as funções de provedor. «É um homem com 87 anos e que se tem esforçado por manter muitas das tradições da terra. Muitas coisas já

só se fazem por carolice. Mesmo assim, têm aparecido muitos jovens, mas é preciso gente que consiga manter isto vivo, e de certa forma, esse papel cabe à Câmara de Aveiro, pelo menos sob a forma de apoios», disse, ainda, João dos Reis.

O vereador da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro, Jaime Borges, disse ao CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS não ter «conhecimento de qualquer pedido de ajuda. Estas iniciativas são muito importantes e a Câmara poderá apoiar. É uma questão de se conversar».



Imagem de Nosso Senhor dos Passos

Com novas «roupagens» e piso rebaixado

Novos autocarros são apresentados amanhã

Os Serviços Municipalizados de Aveiro (SMA) vão proceder, amanhã, à apresentação de dois dos quatro novos autocarros Volvo B10 já adquiridos. São viaturas que apresentarão o novo visual adoptado pelos SMA, guardado a «sete chaves» pelo director-delegado, António Canas, não levanta o véu para não estragar a surpresa que, no entanto, garante, «será agradável».

Cada uma destas viaturas custou cerca de 25 mil contos e vão começar a circular na cidade lá para meados do próximo mês, após uma fase de adaptação e aprendizagem. Uma situação que se prende com a necessidade das viaturas «serem devidamente testadas, no terreno, não só ao nível de formação de homens, mas também em termos de condução». De resto, esta não é uma conduta de excepção, porque este é um «procedimento normal dos SMA: quando chega uma nova viatura, o pessoal passa alguns dias a conduzi-la, para se habituar». E assim está a aconte-

cer com os novos autocarros dos SMA.

Estas novas viaturas apresentam algumas características inovadoras. É o caso do espaço reservado para carrinhos de bebé e cadeiras de rodas; para além disso, dispõem de piso rebaixado, o que vai facilitar a sua utilização por parte de cidadãos com problemas de mobilidade, como é o caso dos idosos. Novidade em relação aos autocarros a que estamos habituados a ver são também as três portas que visam facilitar a entrada e, fundamentalmente, a saída de passageiros, de forma a evitar, cada vez mais, os possíveis atrosos.

Mais novidades ainda este ano

Os novos carros, que serão apresentados amanhã, estão já preparados para a adaptação aos novos validadores, que se encontram em fase de concurso internacional para posterior adjudicação; esta é outra das novidades que os SMA estão a preparar: os tradicionais bilhetes vão de-

saparecer para dar lugar a um cartão magnético que será validado à entrada das viaturas; a partir de um validador apropriado, será possível saber se o cartão é, ou não, válido. Segundo António Canas garantiu ao CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS, este sistema entrará em vigor ainda este ano, conforme acordo com a Direcção Geral de Transportes Terrestres. Ainda no seguimento desta política, que visa facilitar a vida aos utentes, os SMA vão adquirir duas máquinas de venda de cartões e passes, que serão colocadas em sítios estratégicos da cidade.

Relativamente aos mini-autocarros, o processo de aquisição está em curso e, até final do próximo mês, as quatro viaturas deverão estar já em Aveiro.

Actualmente, a frota de autocarros dos SMA apresenta uma média de idades superior a 15 anos, um número que a Administração dos Serviços pretende reduzir até aos 11 anos e meio, num prazo de quatro anos.

Agenda

(de 26 de Fevereiro
a 3 de Março)

26 — Sessão ordinária da Assembleia Municipal de Ilhavo, pelas 21 horas. A ordem de trabalhos está preenchida, entre outras, pela apreciação e votação da abertura do concurso público internacional para a concessão dos Serviços de Recolha e Transporte de Resíduos Sólidos e Urbanos a Destino Final, e limpeza urbana do Município de Ilhavo.

-Início da greve dos maquinistas dos Caminhos de Ferro, ao trabalho extraordinário, em tempo de repouso e em dia de descanso semanal. A greve irá prolongar-se até ao dia 5 de Março.

-Ciclo de Concertos D'Água, pelo Quínteto «Khoro Ensemble», no auditório da Junta de Freguesia de Oliveira de Azeméis.

27 — Audições para novos bailarinos na Companhia da Dança de Aveiro. As provas têm início pelas 10 horas, com a aula de ballet clássico, orientada por Palmira Camargo, que se prolonga até às 11,30. A aula de ballet contemporâneo e moderno terá lugar entre as 12 e as 13,30, e será orientada por Ana Figueira.

-Seminário subordinado ao tema «CETA: origem; importância no contexto do teatro português; presente/futuro», inserido no âmbito das comemorações dos 40 anos do Circolo Experimental de Teatro de Aveiro (CETA). A iniciativa realiza-se às 15 horas. À noite, pelas 20,30, tem lugar um jantar-convívio.

-Assembleia Geral da Associação de Ciclismo do Centro, pelas 18 horas, na sede da associação, em Oliveira de Azeméis. Da ordem de trabalhos consta a apreciação e votação do relatório de contas do ano de 1998; eleição dos corpos gerentes para o biênio de 1999/2000; e discussão de outros assuntos de interesse para a modalidade.

28 — Feira dos 28.

-Concerto pela Filarmónica das Beiras, pelas 21,30, no Teatro Aveirense.

-Procissão de Nosso Senhor dos Passos, às 16 horas, na freguesia de Vera-Cruz.

1 — Conferência subordinada ao tema «Ambiente, Política e Ética», que terá lugar pelas 18 horas, no auditório da Biblioteca Municipal de Aveiro. A sessão, que tem como orador Humberto Delgado Ros (assessor do Primeiro Ministro para os assuntos do Ambiente), é da organização da Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA).

Reestruturação do Serviço Municipal de Protecção Civil

Nova casa e melhores meios

O Serviço Municipal de Protecção Civil de Aveiro pode estar de malas aviadas para Taboaria. Uma mudança de instalações que se impõe, mas que apresenta a desvantagem de uma localização periférica. Entretanto, a Câmara de Aveiro está a estudar a possibilidade de assinar um acordo de colaboração com o Clube Naval de Aveiro; o clube já se disponibilizou para colaborar com o Serviço Municipal, disponibilizando lanchas para o transporte de doentes. Sobre a anunciada reestruturação do Serviço Nacional de Protecção Civil, Domingos Cerqueira faz votos pela melhoria das coisas, pois «como estão, é que não podem continuar».

Paulo Ventura

Na sequência do recente anúncio do presidente da Câmara Municipal de Aveiro no sentido do reforço dos investimentos na área da protecção civil, o Serviço Municipal vai, em breve, dispor de mais uma viatura. Trata-se de um veículo todo-o-terreno, de caixa aberta, para transporte de

material de emergência. Em estudo estava também a possibilidade de aquisição de uma lancha que possibilitasse a rápida deslocação até São Jacinto, através dos canais da ria. No entanto, e segundo Domingos Cerqueira, vereador responsável pelo pelouro da protecção civil no executivo azeitense, uma outra hipótese está agora em análise: a autarquia azeitense está a estudar a possibilidade de firmar um protocolo com o Clube Naval de Aveiro. A concretizar-se este acordo, os sócios do clube que dispõem de embarcações capazes de prestar os serviços solicitados pelo Serviço Municipal de Protecção Civil disponibilizar-se-iam para o fazer, sempre que solicitados. A ideia surgiu na sequência de uma conversa entre o coordenador do Serviço Municipal de Protecção Civil e o presidente do Clube Naval de Aveiro; o referido clube mostrou-se disponível, tendo já entregue à autarquia uma proposta nesse sentido. O transporte de doentes, de macas e de ambulâncias seriam as principais tarefas a desempenhar. Para Domingos Cerqueira, esta é «uma hipótese a levar em conta» até porque se, por um lado, evita que a Câmara despenda uma quantia razoável na aquisição de uma lancha, por outro, «envolve e compromete os cidadãos numa actividade de carácter humanitário e de serviço à comunidade». Assim, a verba que, inicialmente, se pensou aplicar na compra de uma lancha poderá reverter para a aquisição de um barco insulável que ficaria disponível para outros serviços na ria.

A reestruturação do Serviço Municipal de Protecção Civil passará também pela mudança de casa. Actualmente, o Serviço funciona em instalações exíguas e deficientes, em Santiago, onde não existe sequer

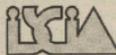
«um espaço para que os homens de serviço possam descansar durante a noite». A autarquia está atenta e já idealizou a mudança do Serviço para Taboaria, aproveitando um dos espaços disponíveis nos futuros armazéns gerais. Uma transferência que, para Domingos Cerqueira, apresenta a vantagem «da construção de uma casa de raiz» mas que tem o inconveniente de «afetar» o Serviço Municipal de Protecção Civil para uma zona periférica, «que fica fora de mão, tendo em conta que a maioria das solicitações surgem do centro da cidade»; uma situação que poderá dificultar o acesso e, consequentemente, uma rápida e eficaz resposta do serviço aos pedidos de auxílio. O ideal, para o vereador, seria «encontrar um local mais central», o que, reconhece, «não é fácil».

Serviço Nacional não coordena

Com uma nova casa e melhores meios, o Serviço Municipal de Protecção Civil de Aveiro, ficará habilitado a prestar um melhor serviço. O grande calcanhar de Aquiles continua a ser a coordenação com o Serviço Nacional de Protecção Civil que, segundo Domingos Cerqueira, para e simples-

mente «não existe». Apesar de funcionar bem, o Serviço Municipal não recebe qualquer apoio a nível nacional, tudo é feito por iniciativa própria: «o que nos temos é comprado pela Câmara e a ajuda que precisamos é não prestada pelos trabalhadores da autarquia».

Domingos Cerqueira admite que a anunciada reestruturação no novo Serviço Nacional de Protecção Civil e Bombeiros, que ainda não conhece em pormenor, «essa vir a melhorar o actual estado de coisas», mas o que é certo é que «neste momento existe uma enorme descoordenação». O vereador vai ainda mais longe ao afirmar que o Serviço Municipal de Protecção Civil só existe porque «a Câmara Municipal quer prestar este serviço aos cidadãos, independentemente das normas nacionais». A ver vamos o que ditam as reestruturções, porque se, no final de contas, a estratégia não resultar, então, diz Domingos Cerqueira, «será preferível mudar a actual designação do serviço, já que não faz sentido utilizar um símbolo nacional com o qual não existe qualquer tipo de ligação». Relativamente à coordenação distrital, o vereador da Câmara de Aveiro prefere não se pronunciar.



Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração
Reconhecido pela Portaria 931/90 M.E.D.L., nº 228 1º Série 90/1062

LICENCIATURAS

EM

COMÉRCIO INTERNACIONAL

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EM NOVAS INSTALAÇÕES
A PARTIR
DESTA ANO LECTIVO



Fundação para o Estudo e Desenvolvimento para a Região de Aveiro

Aparado 292 P-3811 - Aveiro Codes - Tel. +(51)34) 23045 - Fax +(51)34) 381406

W.R.L. <http://www.fedrave.pt/ica>

e-mail: ica@www.fedrave.pt

Autógrafos de Miguel Ângelo (Delfins)



Miguel Ângelo, vocalista dos Delfins, desloca-se a Aveiro, a fim de proceder a uma sessão de autógrafos do seu livro "A Queda de um Homem - Ensaio Para um Romance", na Livraria Notícias, no centro comercial Forum Aveiro.

Santa Maria da Feira "S. Sebastião" contraria espartilho da função pública

O Hospital de S. Sebastião, em Santa Maria da Feira, constitui a primeira experiência portuguesa de gestão empresarial aplicada ao domínio hospitalar, em que a «autonomia a vários níveis consegue contrariar o espartilho da função pública».

Com um estatuto jurídico criado por despacho directo da ministra da Saúde, e intenção subjacente ao projecto é a de «verificar se a introdução de métodos de gestão semelhantes aos de uma empresa privada permite uma maior eficácia de tratamentos, a par da optimização dos recursos instalados», afirmou António Cardoso, administrador delegado do hospital, à agência Lusa. Porém, ressalvou, gerir um hospital segundo a lógica de uma empresa não significa «optar pelo mais barato, mas sim pelo que apresenta uma melhor relação custo/benefício para o doente», e é esta a perspectiva que pretende realçar nas Jornadas de Gestão Hospitalar a decorrer em Lisboa.

Faça os restantes hospitais públicos portugueses, as diferenças do "S. Sebastião" começam logo na admissão do pessoal técnico, efectuada através de contratos individuais de trabalho, o que «evita o tradicional concurso público e permite uma maior agilidade em suprir as necessidades do

hospital, no momento em que estas se fazem sentir».

Em acréscimo, o pessoal técnico é ainda abrangido por uma política de incentivos, baseada na avaliação mensal da qualidade e quantidade do trabalho prestado, que determina - para enfermeiros e paramédicos - um aumento de 15 por cento no seu vencimento, enquanto os médicos são contemplados com um acréscimo de 46 por cento, além da atribuição anual de uma bolsa para formação no valor de 200 mil escudos.

Inovação na aquisição de produtos e equipamentos

A aquisição de produtos e equipamentos é outra das vertentes em que a gestão do Hospital de S. Sebastião é inovadora, na medida em que a administração tem autonomia para negociar prazos de pagamento e seleccionar fornecedores, «impondo como condição que a primeira entrega ao armazém do hospital seja feita à consignação».

Como realçou António Cardoso, a vantagem deste sistema é o «S. Sebastião não ter uma média de 150 mil contos mensais empantoados no armazém» - uma vez que o

pagamento é feito de acordo com o consumo efectuado -, e curtos prazos de pagamento aos fornecedores: «Em Fevereiro, pagamos o que consumimos em Janeiro». A visão do gestor associada à do médico é outro dos factores que distinguem o Hospital de S. Sebastião, sendo esta conjugação possível através de uma estrutura interna dividida em quatro Centros de Responsabilidade Integrada, cuja responsabilidade pela gestão de orçamentos e objectivos de cada um é partilhada por um clínico e um gestor hospitalar.

«São duas lógicas complementares e não antagonistas», sublinha António Cardoso, para quem a criação de níveis intermédios de gestão permite «uma maior aproximação à realidade que se administra».

Embora com uma grande autonomia, o hospital de Santa Maria da Feira não deixa de estar sujeito ao controlo da Administração Regional de Saúde do Centro (ARSC). Os contratos-programa do S. Sebastião - documento em que o hospital define metas e estratégias de trabalho -, são negociados anualmente com a ARSC, estabelecendo-se, em função destes, o subsídio a atribuir à instituição.

Uma maior capacidade de resposta

Para o presidente da ARSC, Júlio Reis, esta é, «nitidamente, uma experiência positiva de gestão hospitalar, que se poderá estender ao novo hospital da Covilhã». António Cardoso também não tem dúvidas em assegurar que, apesar de se encontrar em funcionamento há pouco mais de um mês, «a produtividade do S. Sebastião é superior à maioritaria».

Um exemplo? «A existência de turnos faseados permite que os blocos cirúrgicos funcionem das 8 às 19 h, o que significa uma maior capacidade de resposta e um melhor aproveitamento dos recursos instalados».

E apesar das críticas que o Hospital de S. Sebastião tem sofrido, nomeadamente por parte dos sindicatos - em relação aos contratos individuais de trabalho e à admissão de 70 enfermeiros espanhóis -, e de uma primeira má experiência nas urgências - dimensionadas para o atendimento diário de 300 doentes e procuradas por 500 - António Cardoso é taxativo: «Vamos tratar os doentes melhor, mais depressa e com menores custos unitários».

Exposição na Casa da Cultura de Estarreja

As "Margens" de José Penicheiro

A Casa da Cultura de Estarreja tem patente ao público uma exposição de José Penicheiro, intitulada "Margens".

A pintura deste artista «desenvolve-se na linha do figurativo» sendo bastante «visível a influência do cubismo, do geometrizmo, do expressionismo, das transparências, etc. No entanto, nelas não se instala», refere Joaquim Matos, dado que «há uma síntese harmoniosa procurada, a preocupação da personalização, que nos dá quadros que, antes de mais, são belos à vista».

Zé Penicheiro «é um artista que conhece bem as cores e o ambiente muito próprios das terras da Ria e que sabe, como ninguém, explorar a sua representação pictórica», salienta o vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Estarreja. «A sua originalidade e poder crítico estão amplamente demonstrados na

hibridéz figurativa dos seus trabalhos, donde emerge uma inquieta geometria sossegada pelo poder das cores», acrescenta Fernando Mendonça, que caracteriza o artista como «um poeta de imagens», desprezando-as «num universo muito próprio, carregado de emoção e sensações».

A mostra pode ser visitada até 12 de Março.

O impulso dos cartoons

Zé Penicheiro nasceu na aldeia beirã de Candosa (Tábua), tendo passado a sua juventude na Figueira da Foz. Dificuldades económicas impossibilitaram-no de seguir qualquer curso de artes plásticas ou belas artes; no entanto, enveredou pela carreira artística, onde se iniciou como caricaturista e ilustrador.

Colaborou em diversas publicações,

tais como "O Primeiro de Janeiro", "A Bola", "Os Rídiculos", entre outros, onde foram publicados os seus cartoons de humor. Criador de uma expressão plástica original, que denominou de "Caricatura em Volume", iniciou o seu ciclo de exposições nesta modalidade, a partir de 1948.

Como decorador, assinou a sua presença na projecção e concepção de stands e pavilhões em diversas feiras e exposições nacionais e internacionais.

No período de 1958 a 1968, efectuou viagens de estudo a museus e galerias de Madrid, Paris, Zurique e Munique. Em 1958, é convidado a colaborar artisticamente em programas musicais e culturais da RTP/Norte e, em 1982, no programa "Desenhando sobre Música". No final da década de 70, regressou à região centro, passando a dedi-



"Mãe - Ausências" - Acrílico sobre tela (1999)

car-se exclusivamente à pintura.

Tem larga representação e colecções particulares espalhadas pelo mundo e em museus nacionais.

WEIGAS ≡ **PISCINAS**

estúdio
LEICHT
Cozinhos Alémas

Rua de Viseu, 52 e 56 - 3800 AVEIRO - Telef. 034 380430 - Fax 034 380436

Referendo na "Secundária" da Gafanha da Nazaré Ganhou o "não" às extracurriculares

Anteontem, os alunos do 12.º G da Escola Secundária da Gafanha da Nazaré divulgaram os resultados do referendo realizado no dia anterior. À pergunta "Concordas com a obrigatoriedade de participação dos alunos do ensino secundário em actividades extracurriculares, fora do estrito âmbito da sala de aula e das disciplinas?", os alunos responderam não.

Dos 424 alunos (133 do 12.º ano e 291 dos 10.º e 11.º anos) que exerceram o direito de voto, 53 (12,5%) responderam sim; 239 (56,4%) responderam não; 125 (29,8%) não foram votar. Contaram-se três votos brancos (0,07%) e quatro nulos (0,09%).

Na opinião de Rui Rufino, director da turma do 12.º G - os alunos que encabeçaram a iniciativa -



Escola Secundária da Gafanha da Nazaré

«o importante foi o ter-se auscultado a opinião dos alunos. Ainda que a questão não tivesse qual-quer significado legal, os alunos puderam ser ouvi- dos. Por outro lado, é impor- tante referir a abertura do Conselho Directivo que, mesmo não partilhando da opinião, não impediu que este trabalho fosse levado para a frente».

Rui Rufino saudou os

alunos que com «muita boa vontade se dedicaram a esta iniciativa». Feitas as contas e apertados os resultados, é altura de fa-zer uma análise. Para o director de turma, «os alunos mostraram que não estavam de acordo com a obrigatoriedade das actividades extracurriculares. Se fosse hoje, se calhar teríamos optado por outra questão, mas o importan-

te foi deixar que os alunos mostrassem a sua posição. A pergunta era suficientemente clara e todos sabiam ao que estavam a responder».

Rui Rufino, professor de Filosofia e director da turma que fez deste referendo um trabalho incluído na área escola, disse que «a pergunta deveria ter sido: "Concordas que uma actividade extracurricular como a área escola seja considerada curricular." Mas fosse qual fosse a pergunta, os alunos sabiam ao que estavam a responder. O principal a reter desta iniciativa é que os alunos, quando estimulados, podem gostar de fazer trabalhos extracurriculares. O importante é motivar professores e alunos. Para mim, esta foi a lição que podemos retirar dos resultados deste trabalho».

Carência de docentes com formação especializada

O sistema educativo português necessita de pelo menos 585 docentes com formação especializada em educação especial para que seja feita a cobertura total das necessidades.

Este é um dos indicadores de um relatório sobre os apoios a crianças com necessidades educativas especiais no ano lectivo de 1997/98.

Segundo o relatório, o número de docentes com formação especializada no referido ano lectivo é de 1.441, distribuídos de forma assimétrica a nível nacional, e representam 23% do total de docentes em serviços de apoio educativo.

A carência de docentes especializados é particularmente sentida nas áreas da surdez e problemas de linguagem, problemas motores graves, problemas visuais graves e multideficiência. Ainda neste capítulo o relatório, do departamento de educação básica, revela uma grande assimetria regional ao nível da distribuição dos recursos especializados na área da educação especial.

Os distritos mais carenciados são Braga, Porto, Bragança, Viana do Castelo, Aveiro e Vila Real enquanto Lisboa é o que apresenta menos carências, sendo apenas referidas necessidades de docentes com formação especializada na área da multideficiência.

O mesmo relatório indica que é de 64.133 o número de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) abrangidos pelo apoio educativo, o que corresponde a um aumento de 67,8 por cento relativamente ao ano de 1996/97. A maioria destes alunos com apoio educativo frequentam o 1.º ciclo, e do total de crianças com NEE, idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, 29% estão abrangidos pelo adiantamento de matrícula.

Combate à vaga de assaltos em Águeda



O governador civil de Aveiro, Antero Gaspar, disse à agência Lusa que Águeda, onde se tem registado uma vaga de assaltos, vai ser reforçada com o dobro dos actuais efectivos policiais.

De acordo com Antero Gaspar, o quartel da GNR de Águeda, cujo projecto de ampliação está a concurso, vai ser reforçado em meios humanos, passando a ter 70 efectivos, quase o dobro dos actuais.

A Assembleia Municipal de Águeda aprovou, na passada semana, uma moção em que reclama do ministro da Administração Interna o reforço policial e a ampliação do quartel da GNR. O documento surgiu na sequência de uma vaga de assaltos a estabelecimentos comerciais da zona, nomeadamente, a uma espingardaria e à representação de um operador de telemóveis.

Segundo o governador civil de Aveiro, o reforço dos meios de policiamento deverá ocorrer quando houver distribuição de novos efectivos para o distrito, logo que estes terminem a respectiva formação.

Em relação às instalações, Antero Gaspar disse, ainda, que está prevista a cedência de um terreno contíguo ao actual quartel da GNR, para a construção de um edifício complementar, tendo sido aberto o concurso para a elaboração do projecto.

"Espaço Aberto" expõe bonecas

O "Espaço Aberto" - secção da Santa Casa da Misericórdia de Ovar - vai ter patente ao público, de depois de amanhã até 18 de Março, uma exposição de bonecas de vários países, que fazem parte da vasta colecção do Museu de Ovar.

Entretanto, de referir que o Museu continua encerrado ao público, por motivo de atraso nas obras de reparação e manutenção de que tem sido alvo.

Pescadores de Esmoriz voltam ao Governo Civil

O governador civil de Aveiro voltará a receber, no início da próxima semana, uma representação dos pescadores de Esmoriz e do Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Norte, que reclamam a regulamentação da arte da majoeira.

Nessa altura, Antero Gaspar dará conta do processo relativo ao projecto-diploma que o secretário de Estado das Pescas está a elaborar. Ainda longe de estar, efectivamente, garantida, nos últimos dias, a regulamentação daquela arte de pesca avançou positivamente no sentido das antigas reivindicações dos pescadores de Esmoriz. O governador civil de Aveiro lembra, no entanto, que, após a aprovação do documento pelos representantes sindicais, este terá que ser submetido à apreciação em Conselho de Ministros. Nesta fase poderão ser levantadas algumas ques-

tões relativas à preservação das espécies e à reserva da exclusividade da arte da majoeira para os pescadores que praticam a arte xávega.

"Arte majoeira foi proibida em Julho de 1987"

A pesca com arte majoeira foi proibida pelo decreto regulamentar 43/87, de 17 de Julho, mas, na prática, os pescadores continuaram a actividade e a exigir a «devida regulamentação», disse à Lusa o coordenador do STPN, António Macedo. «Há mais de dez anos que são promessas atrás de promessas (da parte dos governos), no sentido de regulamentar aquela arte de pesca (que consiste em lançar as redes ao mar, a meio de 500 jardas da costa, durante a maré vazia, sendo, posteriormente,

amarradas a estacas). «O certo é que esta pesca, secular, continua a ser perseguida pela Polícia Marítima», referiu.

Contractado pela agência Lusa, António Cacheira, um dos pescadores de arte xávega em Esmoriz, adverte que vão «voltar a meter as redes ao mar», independentemente da acção da Polícia Marítima.



Uma vez regulamentada, a arte da majoeira será exclusiva dos pescadores que praticam o xávega

Correio  do Leitor

«Onde está a ADERAV?» um debate que não chegou a ser...

O texto que o Dr. Amaro Neves aqui publicou, a propósito do que eu escrevi sobre a semana antes sobre a ADERAV, suscitou-me algumas achegas mais sobre a problemática em consideração e dois comentários finais.

Desde 1990, o Dr. Amaro Neves manifestou-me, algumas vezes, o seu desgosto pela opinião em que se ia enredando a ADERAV. E insistiu outras tantas para que eu aceitasse dirigir a associação, o que sempre recusei, como resisti, até ao último momento, integrar esta direcção que ele ideou com a colaboração de um grupo de pessoas interessadas na defesa do nosso Património Cultural.

Numa das primeiras reuniões dessa direcção, eu expus as ideias que defendi no meu contestado artigo e por que que há muito me bato. Defendi a necessidade de se organizar um seminário, onde se fizesse o balanço do trabalho realizado pelas associações de defesa do Património Cultural no nosso país, desde 1974, onde fosse possível discutir as mais recente-

tes práticas e concepções teóricas sobre o tema e, então, que se aperfeiçoasse a organização, que se alterassem os estatutos e se traçassem as linhas de acção para os próximos tempos. Mas logo vi que não eram essas as prioridades...

Pouco tempo depois, a ADERAV, enquanto associação, tomava posições públicas sobre o Património Cultural em Aveiro, mas esses textos não foram elaborados nem discutidos pela Direcção. Foram iniciativas individuais! (Como as «reflexões» do Dr. Amaro Neves!) É curioso que, não sendo ele membro da direcção, se tenha incomodado tanto e que aquela nem tenha reunido para dar (ou não dar) uma resposta institucional ao meu texto...

Depois, vim a saber que, afinal, os anteriores órgãos dirigentes da ADERAV não haviam sido substituídos em eleições e continuavam em exercício, embora também nunca tenham assumido plenamente as suas funções (ao que sei por não estar completa a sua direcção) e se vissem impedidos de tomar deci-

sões e de gerir os bens da associação, com quotas por cobrar, dinheiro em livrarias por receber e mais de 700 contos bloqueados num banco! Um enorme número! Isto é, a ADERAV não tinha praticamente actividade de mas linha (ou tem) duas direcções! Mais. A seu presidente e outros elementos da direcção tomaram posse sem serem sócios!!! Eu mesmo há muitos anos que não pagava quotas! Como se vê por esta pequena amostra, no meu texto evitei minudências e lances públicos estes e outros aspectos, dando atenção apenas às questões de fundo, que essas é que importam.

Que credibilidade pode ter uma instituição que assenta sobre uma legalidade discutível, não tem um programa, não tem um calendário de actividades, não funciona como numa associação (não cobra quotas, não reúne regularmente todas as seus órgãos, não elabora actas, não apresenta contas, não divulga financiamentos, não publica um boletim anual, não promove eventos de relevância cultural, etc.) e

não possui uma estrutura organizativa adequada para levar por diante as tarefas de defesa do Património Cultural e Natural? O que se conhece (propostas de classificação de imóveis) são iniciativas individuais, desgarradas, em nome da ADERAV, na sua maioria elaboradas por uma pessoa ainda antes da constituição desta direcção. Em abono da verdade, é justo que se diga que se não fosse o Dr. Maria João Fernandes, presidente desta direcção, ninguém teria proposto a classificação do que quer que fosse, bem ou mal - nem o Dr. Amaro Neves! -, embora eu esteja completamente em desacordo com os métodos e as concepções dessa senhora sobre o Património Cultural.

Eu sei que, com o Estado Novo, se esbaleu um pouco a memória dos rituais institucionais e a observância rigorosa das regras legais de funcionamento de uma associação cívica sem fins lucrativos como esta. Não era assim que funcionavam, por exemplo, a Sociedade de Recreio Artístico ou o Clube das Galinhas, no início deste século! Mas, com os diabos, já lá vão 25 anos, de aprendizagem democrática! A defesa do consumidor e a defesa do meio ambiente há muito que ultrapassaram a fase das iniciativas individualistas, voluntaristas, dilettantes...

O que é frequente não são iniciativas da ADERAV, são apenas iniciativas individuais, ainda que em nome dessa associação. Esta tem sido a regra. As razões - difíceis de alterar, eu sei - remetem para os mecanismos culturais de exercício da nossa cidadania. Eu próprio também agi assim. Como «free-lancers». Em 1984, organizei o Seminário de Arqueologia Industrial, tendo apenas a colaboração logística de um advogado de uma arquitecta bem conhecida e o apoio, no domínio das intervenções, da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, com o fim imediato de se impedir a demolição da Fábrica Campos (esta última associação levou à Assembleia da República um documento no mesmo sentido. Como se vê, não foi só localmente que se ergueram vozes em defesa deste importante monumento industrial). Mais recentemente, a defesa da Capitania fez-se igualmente de forma individualista e dilettante. Não há futuro para procedimentos desta natureza.

Por fim, pergunto: é ou não verdade que os pouquíssimos seminários e encontros de âmbito patrimonial, realizados em Aveiro, nos últimos anos, foram iniciativa da Câmara? A ADERAV não publica nem promove qualquer evento cultural desde 1985... Esta direcção está em exercício há perto de dois anos!

Contrariamente ao

que o Dr. Amaro Neves diz no seu texto, eu homenageei a ADERAV e os seus fundadores. Comecei por aí, mas, fazendo o balanço da sua (in)actividade, há mais de uma década para cá, cheguei à conclusão de que não funcionava porque o modelo anterior está esgotado. Não pelos aspectos. As provas de que assim é estão à vista. É propus um outro modelo, visando o reforço da sociedade civil, esperando que a ideia fosse discutida. Que mexesse. Era e é matéria para um debate urgente.

Podemos divergir profundamente sobre a diagnóstico da situação actual como sobre as soluções possíveis ou adaptadas, mas é inadmissível que se avilte ou mate o debate com ofensas pessoais. Eu não referi um nome de quem quer que fosse! A forma como o Dr. Amaro Neves reagiu ao meu texto - centrando a discussão em pessoas -, matou qualquer debate de ideias neste semanário, pelo menos sobre a matéria em apreço. Quem no futuro ariscará discordar dele em público?

Parceira-me que, com a atitude do Dr. Amaro Neves, quem também perde é este semanário. É que não é isso a tradição do Campeão das Províncias. Esse é bem o jeito do Povo de Aveiro e do seu azeito falcatório...

Manuel Ferreira Rodrigues

Manuel Ferreira Rodrigues

Manuel Ferreira Rodrigues

João Pedro Dias
advogado

Paulo Santos
advogado

Trau do Mercado 5 - 2º DP
Aparado 202 - 3811-901 Aveiro
Tel. 034 23945 - Fax 034 381406

R. Marques Gomes, 22 - 1º
Tel. 034 382553 - 3800 Aveiro



Trau do Mercado 5 - 1º DP
Tm 0936 851 783
3800 Aveiro

Ficha técnica

CAMPEÃO
das províncias

Propriedade:

FEDRAVE

Fundação para o Estudo e Desenvolvimento do Povo de Aveiro
Aparado 202 - 3811-901 Aveiro
Tel. 034 23945 - Fax 034 381406

Conselho de Administração:

Presidente: João Pedro Simões Dias, Administradores: Amaro Ferreira Neves, Armando Teixeira Carneiro, Administradores sub-ordinados: Fernando Gonçalves Ramos, Jorge Carvalho Antunes.

URL: <http://www.fedrave.pt>
E-mail: tcia@nmail.telepac.pt

Director:

Lino Vidal.

Coordenador Editorial:

Coês Carvalho.

Direcção Artística:

Troilleyra; Jorge Vieira Via; Francisco Cardoso Lima

Redacção e Maquetagem:

Helder Moreira

Redacção:

Daniela Sousa Pires, Maria Reis, Paula Viana.
Telefone 034 386106 / Fax 034 386106

E-mail: opinion@nmail.com

Colaboradores:
Amaro Neves, Américo Garg, Armando Teixeira Carneiro, Carlos Caldeia, Eduardo Mota, Emília Serra, Inácio Ferreira, João Duarte Redondo, João Pedro Dias, Jorge Henriques, José Manuel Nunes, Luís Cruz, Manuel Ferreira Rodrigues, Manuel Gama, Manuel Tralês Dias, Maria Gacela Miranda, Maria Emília Corvelo, Paulo Ramos, Paulo Rozeta, Rui Filipe de Paiva, Vítor Sepúlveda.

Sede e Recepção de Publicidade:

Rua João Machado, 17-2º
3800-210 Aveiro.
Serviço de Administração:
Paula Rodrigues
Departamento Comercial:
Cátia Albuquerque, Helena Vilela, Sónia Leitões.

Telefone 034 383787 / Fax 034 386106

Impressão

Centro de Imprensa Comar.

Distribuição: Vap.

Tiragem: 6.000 exemplares.

Registo

SRP sob o nº 222567

ISSN:

0874 - 8222

Depósito Legal

nº 127 443/98

Preço de cada número: 100\$00 / 0,50€

Anuidade Semanal: 2.000\$00 / 12,50€

Anuidade anual: 5.000\$00 / 25,00€



Politicamente incorrecto

Do alto do Carmo

Timor: e agora Portugal?

João Pedro Dias



A sociedade internacional não raramente surpreende os analistas e os observadores, por mais atentos que

aqueles se julgarem ou por mais informados que estes pretendam estar. A evolução recente da situação na Indonésia a propósito da doutrina sobre Timor é um desses casos. Há algumas semanas poucas ou nenhuns comentadores da nossa praça e mesmo analistas de renome internacional podiam adivinhar o volte-face ocorrido na posição indonésia a propósito de Timor. O próprio governo português não foi capaz de esconder a sua surpresa — e só depois da alteração da posição indonésia sentiu a necessidade de criar um grupo de trabalho interministerial especificamente encarregado de estudar os diferentes cenários que se podiam colocar a Portugal como resultado da evolução registada no pensamento de Jacarta.

A história é conhecida e lembra-se em poucas palavras. A bráçoa com a profundíssima crise económica, que despoletou uma enorme instabilidade social e que se repercutiu no próprio sistema político, a Indonésia concluiu que a sua prioridade número um passava pela resolução da situação económica interna. E depressa concluiu que esse objectivo nacional dificilmente se compoziaria com o «casus» ou «preço» que teria que pagar pela manutenção de uma situação em Timor que desrespeitava todas as mais elementares normas de direito internacional. Verdade se diga que, por isso, muito contribuiu a posição da diplomacia portuguesa que, ao longo dos anos e de forma persistente, soube manter sempre a questão de Timor em aberto na agenda internacional, nomeadamente em sede das Nações Unidas, nunca deixando escapar qualquer oportunidade para recolocar a questão ou referir o problema. Quando as dificuldades económicas começaram a apertar, a Indonésia, numa fracção de segundo, deu o dito por não dito, reviu a sua doutrina das últimas vitas anas, «libertus» Xanana Gusmão, passou a admitir claramente uma evolução política no estatuto de Timor — admitida uma autonomia alargada ou, acaso esta fosse rejeitada, aceitando a própria independência do território. E sem mais demoras ou delongas. O que passou a ser importante é resolver o problema. E quanto mais depressa melhor. Uma análise atenta da posição dos próprios indonésios levará a concluir que, mesmo em Jacarta, esta nova doutrina ainda não estará totalmente afinada. Algumas declarações que vão surgindo

são dificilmente compatíveis entre si; mas não ao ponto de negarem o objectivo primeiro — ter o caso resolvido antes do próximo dia 1 de Janeiro.

Parece, assim, evidente que Portugal terá uma palavra a dizer nos tempos que se seguem. A história não deve ser esquecida e o erro de 1975, quando abandonámos Timor e as timorenses à sua sorte, abrindo de par-em-par as portas à invasão indonésia, não pode ser repetido. Até porque, raramente, a história se repete e raramente concede aos Estados e às Nações a possibilidade de, em tempo útil, corrigirem erros cometidos e reificarem posturas erráticas. Decerto — os erros de Portugal custaram milhares de vidas humanas em Timor, e esse «preço», a par do abandono referido, ficará, para sempre, a macular a presença de Portugal nessas longínquas paragens. Abre-se, agora, porém, a possibilidade de rectificar algum do mal feito e contribuir de uma forma acertada para uma descolonização séria do antigo colónia. Desde logo, apelando a uma forte presença das Nações Unidas no território por forma a garantir uma adequada transferência de poderes, da polícia invasora para instituições democráticas representativas do povo timorense. Não haja, todavia, ilusões: essa obrigação histórica impôs consideráveis sacrifícios materiais a Portugal. Os líderes timorenses no exílio, de resto, já se apressaram a declarar e a reclamar esse mesmo apoio.

Dificilmente Portugal, enquanto potência administrante, conseguirá eximir-se a esse esforço. Mas esse encargo deverá ter contapartidas perfeitamente definidas: uma das principais passará pela definição clara de regras firmes que garantam a criação de um verdadeiro Estado de direito democrático. Os exemplos da «adecolonização exemplar» — em que Portugal, de côcoas, entregou a poder numo bandeja dourada a determinados grupos existentes nas suas ex-colónias, sempre aos de obediência soviética — não podem ser repetidos. A responsabilidade primeira que impende sobre o país, neste momento, é precisamente essa: contribuir para que a eventual autodeclaração do território de Timor se faça no respeito pelos princípios do Estado de direito democrático e abaixo de uma tutela das Nações Unidas. Se é verdade que apenas circunstancialmente a história se repete e permite aos seus actores corrigirem erros passados, será preciso ter a consciência que poderemos estar ante um desses momentos. Os timorenses têm, nos últimos anos, uma história de resistência e de sofrimento; se não nos podemos eximir de alguma responsabilidade nessa saga de colvário e de martírio, sozinhos, pelo menos, recuperar algum do nosso prestígio não contribuindo em nada para submeter o povo moubere a novos e tirânicos poderes.

A cultura do "facilitismo"

Vitor Sequeira



Alguns altos dignitários do Estado têm vindo a patrocinar ou a dar apoio público a um "lobby", constituído para promover a despenalização do consumo das chamadas drogas leves — que ninguém sabe quais são —, dito de outro modo, para legalizar o seu consumo.

Não me considero um dogmático, nesta como noutras matérias, mas não me deixo impressionar pelo pri-marismo de alguns das chamadas anti-dogmáticos, seja na política, na religião ou nos temas sociais, muitas vezes mais dogmáticos, na sua doutrina, que os primeiros.

Tenho para mim que as pessoas valem pelos seus comportamentos e não pelos ideais que expressem, sejam eles quais forem, até porque todas os estamos fartos de ver e ouvir discursos retóricos que nada lem a ver com a prática do dia-a-dia.

Seria assim para outro artigo.

Hoje, pretendo apenas pronunciá-me sobre o problema da droga, tendo presente os dois argumentos, mais comumente usados, para justificar a legalização do consumo, até porque um estudo recente, veio tornar público que os jovens portugueses são, em termos relativos, das maiores consumidoras de álcool do mundo.

1. A política de repressão não conseguiu controlar esta chaga social e por isso é altura de "experimentar" a situação inversa.

2. O lucro auferido pelos traficantes potencia o mercado de consumo

e por isso deveria ser distribuída gratuitamente pelo Estado, nas farmácias, aos toxicodependentes.

Pelo meio, vão aparecendo já os que defendem a existência de residências para os toxicodependentes se drogarem às escondidas da sociedade — a pretexto de terem melhores condições de higiene —, um pouco à imagem dos chamados "asilos" ou "casas" de idade média que, agora, social e estruturalmente se condenam como solução para os problemas dos idosos.

Como esta solução é posta em prática pelo Governo alemão, a ideia, sem mais, deve ser boa...

A ideia de que a repressão não controla a situação é falaciosa porque, por essa lógica, não se compreendem campanhas como a da "segurança máxima, tolerância zero" nas estradas.

Curiosamente, os mesmos que defendem a legalização do consumo das drogas com base nesse argumento, são os mesmos que argumentam com o aumento da repressão nas estradas para controlar os acidentes.

Nunca vi ninguém defender, a pretexto da incapacidade do Estado para evitar o crime, que se legalize o crime, do género de: quem quiser matar, vá para o campo da bola, onde o Estado mantinha um quiosque de venda de artigos adequados a esse objectivo.

Também nunca vi defender o aumento dos li-

mites de velocidade, para combater os acidentes de viação.

Pela mesma lógica, face ao panorama do consumo de álcool, talvez devêssemos, então, abrir o seu consumo a qualquer idade e, quem sabe, numa medida inovadora, a ser o Estado a distribuir álcool aos jovens, em "tascoas" que ele próprio compraria para o efeito, de preferência perto das escolas. Ou nos farmácias. Por que não?

É que, no caso do álcool, como se sabe, a ideia do lucro está também presente. Basta ver o patrocínio das cervejeiras às festas da "Queima das fitas".

Quanto ao segundo argumento, espanta-me que o tónico seja pasta no "lucro" dos traficantes, deslocando assim o problema do seu verdadeiro campo que é o da "morte das consumidoras", como se o combate ao lucro acabasse com as vítimas da droga.

O centro do problema fica pois deslocado e aquilo que deveria ser a prioridade e a razão de ser do combate à droga — a evitar da desgraça humana dos consumidores — acaba por passar para segundo plano.

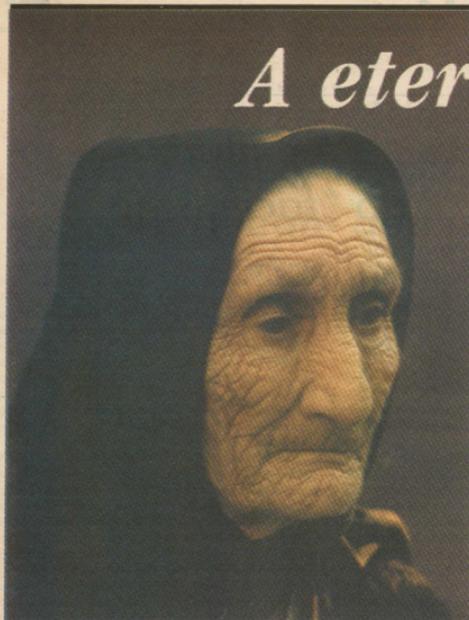
Que fazer então? Nisto, como em muitas outras coisas, o mal está em que se confundem as soluções, com os valores da vida em sociedade.

Enquanto não cuidarmos destes, a todos os níveis, não há nem repressão, nem legalização que ocabe com o problema.

José Américo, Carlos Freitas, Paulo Matos e Associados

Sociedade de Advogados

A eterna juventude é um segredo da medusa?



A medusa do mediterrâneo, "Tortusipis Metricula", poderá conhecer o segredo da imortalidade. Em vez de morrer, reorganiza as próprias células e volta a ser jovem. A equipa do professor Ferdinand Bocce, da Universidade de Lecce, que tem estudado a medusa do mar está à beira de estabelecer como é que a medusa escapa ao envelhecimento.

O cientista diz que a possibilidade de inverter o ciclo biológico abre perspectivas para a compreensão do fenómeno da semelhança. A medusa pertence a uma espécie muito antiga na escala evolutiva dos seres vivos.

Mas se esta é uma das investigações mais recentes, muitos têm sido outros investigadores que se têm dedicado ao estudo dos motivos do envelhecimento. Para uns, a resposta está na longevidade dos centenários; para outros, na capacidade de sobrevivência de outras espécies. A resposta para um dos sonhos mais antigos da humanidade - a longevidade -, pode estar no mar, onde, afinal, a vida começou ...

Daniela Sousa Pinto

A evolução do tempo não pára. Os dias, os meses, os anos correm e com eles surgem todas as alterações que o viver

causa. O corpo vai acusando o peso de todas as vivências, de uma boa ou má alimentação, de uma vida acompanhada por exercício físico ou de uma vida sedentária. Mas o certo é que uma vida cuidada, uma boa alimentação e desporto mais não podem fazer do que acrescentar mais uns anos de vida. No entanto, a meta que muitos cientistas procuram alcançar é viver até aos 150, 200 anos, sem que se sinta o peso da idade; ou seja, viver jovem por muitos e muitos anos.

Esperança de vida poderá duplicar

O envelhecimento da população é uma das mudanças mais significativas dos dois últimos séculos. A esperança de vida aumentou durante este período e espera-se que esta tendência se mantenha nas próximas décadas, como resultado das melhores condições de vida, e sobretudo, do progresso científico. Mesmo assim, morre-se, em regra, aos 75-85 anos. E nem sempre nas melhores condições físicas e mentais. É a alteração deste processo de envelhecimento, a busca, senão da imortalidade, pelo menos de mais anos de vida, aquilo que tem motivado muitos investigadores na procura de um dos sonhos mais antigos da humanidade: o elixir da juventude.

A nossa saúde atinge o seu auge aos 11 anos. A partir do início da adolescência o nosso corpo começa a envelhecer.

No entanto, o envelhecimento, como processo de declínio, está a ser posto em causa pelos cientistas. O envelhecimento não é um acontecimento programado na vida dos homens. Ninguém está preparado para envelhecer e morrer.

Aquilo que intriga os cientistas são os motivos que justificam que alguns seres humanos consigam ultrapassar a barreira dos 100 anos. Estará nestes indivíduos a resposta que tanto se procura? Por que é que conseguem manter os seus corpos vivos durante mais anos do que a maioria dos seus semelhantes? A resposta poderá estar nos genes. Mas, também pode estar no estudo de várias espécies animais. Por exemplo, as moscas vivem em média 70 dias, mas em laboratório, por utilização de várias técnicas, alguns cientistas já lhes conseguiram duplicar os dias de vida. Tal proeza nos seres humanos, poderia levá-los a viver até aos 150-160 anos. O dobro!

Para os investigadores que estudam o envelhecimento, as regras têm sido simples: os organismos nascem, vivem um determinado período de tempo, e morrem. Se tiver cuidado com o peso, com a alimentação, se se mantiver ocupado, principalmente a fazer aquilo de que gosta, pode negociar mais alguns anos de vida. Mas não os duplica nem consegue chegar ao fim dos seus dias com as mesmas capacidades de um jovem.

Abandonar o envelhecimento não é tarefa fácil. Na verdade, muitos cosméticos, uma boa alimentação e exercício físico mais não podem fazer do que retardar os efeitos do envelhecimento e prolongar a vida por mais alguns anos. Mas não é isto que motiva os estudos dos cientistas. O que se procura é encontrar o segredo que permita aos indivíduos viver 180 a 200 anos e com uma capacidade e aspectos físicos de um jovem de 30 anos. Este é o sonho de quem dedica toda uma vida a procurar encontrar o "elixir da juventude" que não está, provavelmente numa poção mágica dos contos de fadas, mas num qualquer elemento, como tratándose de um segredo que a natureza esconde desde os primórdios da humanidade.

Reproduzir acelera o envelhecimento

Pode parecer estranho, mas não somos hoje aquilo que éramos há um mês atrás. Não se notam as diferenças, mas todo o nosso corpo sofreu uma série de alterações imperceptíveis: durante o sono, novas camadas de pele substituí-

ram outras que, entretanto, terão morrido. E se existem moléculas que se substituem, por que é que envelhecemos? A resposta poderá estar nos próprios seres humanos, dotados de magníficas capacidades de adaptação que lhes permitiu a manutenção da espécie ao longo de milhares de anos.

O instinto básico de todos os seres vivos é a manutenção da espécie. Todos os seres vivos se reproduzem para poderem manter a sua espécie viva, em continuidade.

No entanto, a reprodução acelera o envelhecimento. Por exemplo, a menopausa acontece, porque a capacidade reprodutiva acelera o envelhecimento e todos os seres vivos encontram uma qualquer forma de equilíbrio, mesmo, para tentar diminuir ou retardar os efeitos do envelhecimento.

Também por isso, todas as espécies investem na auto-reparação. Contudo, este investimento não é suficiente para cobrir os efeitos do envelhecimento.

Ficção científica ou talvez não

Os cientistas continuam e continuarão, provavelmente, durante muitos anos, os seus estudos sobre o envelhecimento. A resposta poderá estar naqueles que ultrapassam a barreira dos cento e poucos anos, nas moscas, nas medusas, nas minhocas, nos chimpanzés, nas tartarugas, nas árvores com mais de 5 mil anos, ou no próprio homem. Mas a luta será sempre a de encontrar respostas para romper a barreira do envelhecimento, em alterar o ritmo do desenvolvimento, a de conseguir que os homens permaneçam jovens e saudáveis.

Este é o Ano Internacional dos Idosos. Quem sabe se daqui a alguns anos - na perspectiva de muitos investigadores não muitos - este dia fique registado como sendo um elemento da história da humanidade, para termos nos livros: "na época em que os homens viviam até aos 70-80 anos e em que envelheciam...".

Pode parecer ficção científica, mas poderá dentro, em breve, ser uma realidade da humanidade, para quase todos os homens.

Mitologia

Em termos mitológicos a Medusa é uma das Górgonas a quem Minerva disputou o primado da beleza e fez com que os seus cabelos se transformassem em serpentes. Neptuno abusou de Medusa no tempo de Minerva e Poseu cortou a cabeça de Medusa de cujo sangue nasceu o cavalo Pégaso, o qual ferido com uma das patas a terra, fez brotar a fonte de Hipocrene.

Um retrato-robô do assaltante Aveiro já não é um "cantinho do céu"

O progresso traz vantagens e desvantagens. A criminalidade é o preço do desenvolvimento e do crescimento das cidades. Em 1998, a Polícia de Segurança Pública (PSP) de Aveiro registou 5556 crimes: 1628 contra pessoas, 3219 contra o património, 278 contra a vida em sociedade, 46 contra o Estado e 385 crimes previstos em Legislação Penal Anula. Estes números não podem ser considerados assustadores, mas aumentaram nos três últimos anos. Em 1996, a PSP registou 4812 crimes e, em 1997, os laudos policiais registaram 5328. Nos últimos meses, Aveiro tem sofrido uma vaga de assaltos. Não é motivo para alarmes, mas é altura de começar a tomar precauções.

Daniela Sousa Pinto

A PSP de Aveiro é constituída por cinco subunidades: Aveiro, Espinho, S. João da Madeira, Santa Maria da Feira e Ovar. Conforme nos disse o comissário Jesus, oficial de Relações Públicas e responsável pela área de operações, planeamento e controlo da PSP de Aveiro, «nós, e a GNR, somos a polícia que está em contacto com os cidadãos, que traz as informações, que colhe a notícia e a participa através dos meios que temos à disposição. A Polícia Judiciária trabalha mais ao nível da investigação, é uma polícia científica. Nós somos uma polícia de "primeira linha", porque actuamos no terreno».

Aveiro já não é a cidade pacata de há alguns anos atrás, «mas não se compara a Lisboa ou ao Porto. O importante é que as pessoas tomem consciência de que as coisas mudaram. O progresso implicou o aumento da pequena criminalidade, e as pessoas têm de se convencer de que já não podem deixar a porta de casa encostada, o carro com os vidros abertos ou estender a chave debaixo do tapete», salientou o comissário Jesus.

A localização geográfica da cidade de Aveiro também propicia a criminalidade. «Aveiro está localizada numa posição central, com muita facilidade de acesso. Para além do porto e de toda a costa — onde é muito fácil fazer descarregamentos de droga —, Aveiro é traçada pela maior linha férrea do país — a linha do Norte — tem a auto-estrada do Norte, que permite que num instante se esteja no Porto ou em Lisboa, e o IP5 que nos liga à

Espanha e mesmo ao resto da Europa», explicou, ainda, o oficial de Relações Públicas da PSP.

«Noventa por cento dos crimes efectuados em Aveiro são o resultado da dependência de drogas»

O aumento da toxicodependência é, também, um dos factores que justificam o aumento da pequena criminalidade. «Uma pessoa que queira ficar rica, não rouba uma carteira, um relógio ou um auto-rádio. Estes roubos ou furtos são feitos para saciar o vício, a necessidade do momento. Quem quer ficar rico assalta um banco. Por outro lado, há mais desemprego, mais estabelecimentos comerciais e, naturalmente, mais consumo de droga. Noventa por cento dos crimes efectuados em Aveiro são o resultado da toxicodependência de drogas». A toxicodependência é assunto que preocupa o comissário Jesus, porque como explica: «Antes de ser polícia sou pai e cidadão. Em Aveiro, não existem pontos de droga, mas existe o tráfico inerente ao consumo». Mas noutras zonas do distrito exist-

ta quer seja com uma seringa, quer com uma arma branca ou arma de fogo, é sempre roubo, porque se verifica coacção física. Quando não existe coacção não é roubo, é furto», explicou, ainda, o comissário Jesus.

O maior número de crimes está classificado nas categorias de crimes contra as pessoas e contra o património. «Os números, também reflectem o trabalho das polícias...» Os crimes contra as pessoas podem ser entre outros: contra a vida — homicídios e aborto, por exemplo — contra a integridade física — voluntária, por negligência, etc. —; contra a liberdade pessoal — o caso de rapto, sequestro, ameaça, coacção, entre outros — contra a liberdade e a autodeterminação sexual — violação, abuso sexual de crianças, adolescentes e dependentes, por exemplo. Nos crimes contra o património enquadram-se, por exemplo, o furto/roubo por estacão, furto de veículo motorizado, furto em residências ou em estabelecimentos comerciais, abuso de confiança, roubo a bancos, etc. Ora, se estes crimes aumentam, o nosso trabalho também», afirmou o comissário.



Uma das ruas mais "visitadas" pela pequena criminalidade

«Os cidadãos têm que tomar consciência de que a cidade mudou...»

A cidade cresceu. É impossível fugir ao peso do progresso. «As pessoas têm que estar preparadas para enfrentar esta situação. É importante que colaborem conosco e que, pelo menos, não facilitem a vida ao assaltante. Os cidadãos têm

tem autênticos supermercados de droga.

A vida nas cidades é complicada, e Aveiro é capital de distrito. Por isso, o comissário Jesus confessa: «Não temos o número de efectivos que desjaríamos nem meios técnicos que nos permitam fazer exactamente aquilo que queremos. Mas temos homens bem formados, capazes de protegerem os cidadãos. Claro que gostaríamos de fazer muito mais. Mas é esta a polícia que temos; fazemos o melhor que podemos. E o problema é que, por exemplo, as lanchas utilizadas para o tráfico de droga são do último modelo e as nossas são do modelo daquelas que eles utilizavam há dois anos atrás».

«Os números também reflectem o trabalho das polícias...»

Para haver roubo tem que haver violência seja física ou psicológica. «A ameaça

No último trimestre de 1998

Outubro

Crimes contra as pessoas = 147
Crimes contra o património = 300
Crimes contra a vida em sociedade = 29
Crimes contra o Estado = 2

Novembro

Crimes contra as pessoas = 150
Crimes contra o património = 302
Crimes contra a vida em sociedade = 26
Crimes contra o Estado = 3

Dezembro

Crimes contra as pessoas = 107
Crimes contra o património = 307
Crimes contra a vida em sociedade = 22
Crimes contra o Estado = 5

TOTAIS:

Crimes contra as pessoas = 404
Crimes contra o património = 909
Crimes contra a vida em sociedade = 77
Crimes contra o Estado = 10

A maior parte dos crimes contra as pessoas é cometido por indivíduos do sexo masculino, com mais de 25 anos e de etnia branca. O lesado é, normalmente, do sexo masculino e com mais de 25 anos. Os delitos classificados na categoria dos crimes contra a propriedade (crimes contra o património) são os que atingem as valores mais elevados. Tal como nos crimes contra as pessoas, também o suspeito é, na maior parte dos casos, maior de 25 anos, de etnia branca e do sexo masculino. Os atendidos são homens com mais de 25 anos.

Na categoria de crimes contra o património, verifica-se uma maior incidência nos crimes de furto de veículo motorizado e em veículo motorizado. Os furtos por carteira/são e em edifício comercial andam, também, nos primeiros lugares das tabelas. São cometidos, ó semelhança dos anteriores, por indivíduos do sexo masculino, com mais de 25 anos e de raça branca. Os atendidos têm, normalmente, as mesmas características.

O número de assaltos aumentou nos últimos meses. «Esta situação é sazonal. Agora está a acontecer em Aveiro, daqui a uns meses vai-se reflectir mais em Viseu, no Guarda ou no Porto.» É isto porque, como explica o comissário Jesus, «cada polícia, na sua área de intervenção, faz os possíveis por diminuir a criminalidade e o cerco aperta-se. Aperto-se o círculo, eles têm que fugir para outro lado... E a cidade mais próxima é, normalmente, aquela que estes indivíduos vão procurar para actuar. Daí que surjam as chamadas vagas de assaltos», explicou o comissário.

Artes & Ofícios

José Ferrão

O verdadeiro artesanato já quase não existe. Por isso, José Manuel Neves Ferrão não se considera artesão. Tem 42 anos e gosta muito da pintura cerâmica. Teve contacto com esta actividade quando começou a trabalhar numa das fábricas de Aradas. Há seis anos montou a sua oficina, onde começou por pintar louças com motivos chineses: A escolha da pintura de Cantão justifica-se pelo gosto de fazer coisas diferentes da cultura portuguesa e porque, há uns anos atrás, em todas as fábricas de Aradas era esta a pintura que predominava. Hoje, o grosso dos seus trabalhos já não é este tipo de pintura, mas sim uma tradição de Aradas a que José Ferrão pretende dar continuidade.

Daniela Sousa Pinto

Cansado de arutar as outras pessoas, José Ferrão decidiu montar a sua própria oficina e continuar o trabalho que, desde há muitos anos, realizava e do qual sempre gostou. «A cerâmica foi uma coisa que apeteceu na minha vida há cerca de 15 anos. Aprendi alguma coisa de cerâmica; nunca se sabe tudo, até pelo contrário; todos os dias aprendemos. Gosto do meu trabalho e é da pintura cerâmica que vivo. É uma actividade bastante engraçada! Mas não sou pintor. Não tenho qualquer formação de pintura; não nasci pintor. Aprendi com outras pessoas, só isso...»

De há dois anos para cá que não vai a nenhuma exposição. «Gostava muito das exposições, pelo conhecimento que trazava com as pessoas, pela possibilidade de mostrar os meus trabalhos. Mas os custos que acarretavam não justificavam os resultados. Muitas vezes não ganhava para

pagar o aluguer do espaço! As feiras não são rentáveis... No entanto, continuo a ter peças minhas num stand de uma pessoa amiga. É importante para poder divulgar o meu trabalho. O problema é que as feiras, na grande maioria das vezes, são realizadas para darem lucros a quem as organiza em prejuízo dos próprios artesãos...»

«O meu trabalho tem 20% de artesanato: a pintura.»

O artesanato em Portugal, «no que diz respeito à cerâmica, não está nem bom nem mau. Não está bom, porque o artesanato verdadeiro, já quase não existe. Chama-se artesanato a tudo e mais alguma coisa... O meu trabalho é o 20% de artesanato: a pintura. De resto, tudo obedece a processos mais ou menos mecanizados e fabricis. Os jarros, os potes, as terrinas, etc., que eu pinto, são todos feitos através de um processo fabril e de artesanato têm muito pouco. Trabalhar em moldes antigos não é rentável; pode ser possível para quem faz os seus trabalhos apenas como *hobby*. Por outro lado, não existem apoios e em questões de finanças nem existe uma área própria onde enquadrar o artesanato ou a actividade que desenvolve: «Somos considerados empresários em nome individual.»

José Ferrão lamenta que a maioria das pessoas não sejam capazes de dar o devi-

do valor ao artesanato, «não há sensibilidade e há muita gente que gosta de ser chamado de artista sem o ser, e isso confunde as pessoas. Seja como for, as pessoas não dão o valor ao artesanato, às coisas portuguesas.»

Os seus trabalhos não obedecem à inspiração momentânea, porque «não pinto motivos livres. São peças pintadas à mão, mas para comercializar. Os motivos são sempre os mesmos, são aquele tipo de peças que se vendem em lojas ou feiras. Não resultam da inspiração... Apesar de tudo, a pintura chinesa é aquela que mais me agrada. Desde a fundação desta minha microempresa que me dedico à pintura de Cantão.



Sigo um pouco a tradição de Aradas. Aqui, quase todos os velhotes sabem pintar Cantão. Porque as fábricas começaram assim; depois, foram-se industrializando e foram deixando as pinturas.»

«Não são necessárias grandes doses de talento...»

A dedicação é o aspecto mais importante para quem se dedica a este tipo de trabalhos. «Não são necessárias grandes doses de talento; é preciso gostar e ter muita vontade de os fazer. Se nos dedicarmos à cerâmica, mesmo sem saber muito sobre o assunto conseguimos descobrir coisas fantásticas!»

De vez em quando, é contactado por pessoas ligadas ao Instituto de Emprego e Formação Profissional, para dar cursos de formação. «Não o tenho feito, porque

não tenho instalações para proporcionar condições que considero necessárias, a albergar as pessoas. Provavelmente, quando mudar de instalações, estarei disponível para ensinar o pouco que sei.»

Não tem tempo certo para trabalhar. «Conforme o volume de trabalho e a disposição posso dedicar-me à minha actividade duas ou 20 horas por dia. Tudo depende de mim, por isso, faço a gestão do meu tempo conforme os meus compromissos.»

Vende os seus trabalhos para lojas e para feiras, mas também peças em branco que outros colegas seus utilizam para pintar.

Processo de fabrico de um pote



A peça não é feita de raiz, na oficina de José Ferrão. Depois de desenhar a peça que pretende pintar, leva o desenho a um modelador de gesso, que faz a peça. A seguir, são-lhes dados os retoques finais e a peça fica pronta para servir de molde. A partir daí, faz-se o número de peças que se pretende.

A peça leva uma primeira cozedura - aquilo a que se chama o *chavete* -; a seguir, pode-se pintar e voltar a cozer, ou vidrar a pedra e, depois, pintá-la. A peça volta a ir ao forno. No entanto, as peças podem ser cozidas mais que uma vez, por causa do tipo de tinta utilizado.

A pintura das peças, é a parte de artesanato que José Ferrão afirma fazer. Por isso, e porque os pincéis são muito caros (5, 6 contos) e não duram muito tempo, o pintor faz um pincéis com pelo das orelhas ou dos rabos das vacas. Ficam muito mais baratos e duram muito mais tempo.



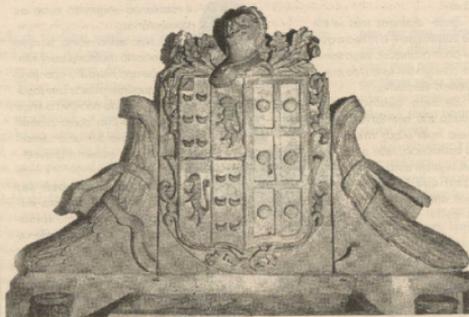
Para pintar as suas peças, José Ferrão utiliza um pincel de fabrico próprio feito com pelo do rabo ou da orelha de vaca

Achegas para a historiografia queiroziana (IX)

Joaquim José de Queiroz

Fidalguia, nobreza e casamento

Jorge Henriques



Brasão da família paterna de Eça de Queiroz (actualmente no Museu de Aveiro)

Para trás ficara a fracassada revolta de 16 de Maio de 1828 com a derrota das forças liberais e as suas nefastas e cruéis consequências.

Joaquim José de Queiroz regressara do exílio, em 8 de Julho de 1832, desembarcando na praia de Arnoso de Fampelido, junto a Mindelo, depois de ter escapado à execução à morte por garrote, a que fora condenado, por sentença do Alçada do Porto, de 8 de Dezembro de 1829, que o apelidara de «infame, perverso e façanhoso». A mesma sorte não tiveram, entre outros, Clemente da Silva Melo Soares de Freitas, Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, Francisco Silvério de Carvalho Magalhães Sarão e Manuel Luís Nogueira, entoadores na Praça Nova do Porto, em 7 de Maio de 1829, Clemente de Maria Sarmento e João Henrique Ferreiro Júnior, com igual sorte, suplícadas em 9 de Outubro. As suas cabeças decepadas foram arvoradas, em exibição pública, nos locais das suas residências.

Joaquim José de Queiroz fariã parte da expedição que, em 27 de Junho, partiu de Ponta Delgada com o Regente D. Pedro. A esquadra era formada por cerca de 40 navios e constituída por 7500 homens, incluindo algumas tropas estrangeiras, nomeadamente francesas e inglesas. No dia seguinte ao desembarque o exército liberal entrou no Porto. Nos Paços do Concelho, D. Pedro leu uma proclamação prometendo pôr termo à tirania miguelista, respeitar a vida e os bens dos particulares, devolver o trono legítimo a D. Maria e fazer de novo cumprir a Carta Constitucional. Só a vira a conseguir dois anos depois, a 27 de Maio, com a convenção de Évora Monte e o exílio de D. Miguel.

Três anos decorridos, após o regresso, a Desembargador Queiroz tinha o assento nas Cortes como deputado e era Presidente em exercício na Relação de Lisboa.

Segundo Rocha Martins, não seria eloquente epar naquela Câmara haver oradores de grande brilho como Possos Manuel e Rodrigues da Fonseca, acrescentando que «outros eram poetas e viam do exílio dispostos a imitar as attitu-

des dos deputados franceses que proclamavam a deusa liberdade, em verdadeiros hinos, sem se sentirem ridículos».

Em 2 de Junho, a Rainha D. Maria II concede a Joaquim José de Queiroz a mercê de o fazer fidalgo e cavaleiro da sua Casa Real «por justos motivos que o fizeram dignos da Minha Real consideração» com direito o «mil e seiscentos réis de Moradia por mês e um alqueire de cevada por dia pago segundo a ordenança de Moradia ordinária». A mercê foi registada a folhas noventa e quatro do livro primeiro dos Alvarás e cartas de secretário dos Filhosmentos e a folhas oitenta e dois verso do livro quarto do registo de Mercês do Real Arquivo.

Entretanto, em 22 de Junho, aproveitando a mercê concedida, Joaquim José de Queiroz faz petição à Rainha para o direito de usar Brasão de Armas.

Para o efeito fez jurar à sua petição sentenças de justificação de sua nobreza e fidalguia, sendo uma proferida pelo Juiz do concelho de Riba Tâmega e a outra pelo Juiz de Direito do Quinto Distrito da Cidade de Aveiro, Dr. Elias da Cunha, pessoa subscrita por António Emídio Marques, escrivão do mesmo juízo.

Identifica-se como sendo neto pela parte paterna de Custódio Queiroz Pessanha Sampaio e de Luísa Maria Teixeira, natural de Vila Meã, freguesia de S. Salvador de Riba Tâmega, na

comarca de Amarante. E pela parte materna de Gabriel de Sousa e de sua mulher Josefa Bernarda de Almeida e bisneto pelo mesmo lado de André de Almeida Pinho e Maria da Graça da cidade de Aveiro.

Refere a primeira justificação «feita por pessoas da mais distinta nobreza daquela comarca e com citação do representante da casa e família dos Queirozes do Quinto do Pinheiro, de Amarante, D. Gaspar Queiroz Sarmento de Lencastre» acrescentando que o «dito seu avô paterno, Custódio de Queiroz Pessanha Sampaio, além de ser o sua mulher enlaçada com outras famílias daquele Arcebispado de conhecida nobreza, era parente mui próximo dos ditos Queirozes de Amarante, conhecidos pela sua nobreza e fidalguia».

Quanto à segunda justificação «se mostra que a família do suplicante sempre usou o Brasão de Armas dos Almeidas e os tinha gravado no portão do pátio da sua casa no lugar das Quintas, de que linha a respectiva Carta de Brasão de Armas».

Joaquim José de Queiroz alegou não poder apresentar as provas dos direitos de seu avô, André de Almeida Pinho, porque a respectiva carta lhe fora apreendida, e da qual não poderia haver certidão por ser anterior ao terramoto de 1755 e todas os livros terem sido quei-

radas no incêndio que atingiu o cartório em que se encontravam arquivadas.

Efectivamente, por ter sido o chefe da revolta de Maio de 1828, foi sujeito a perseguição consentânea com a sua participação e categoria. «Havendo desconfinança de que se achava no distrito da sua habitação o réu Joaquim José de Queiroz, membro que foi da junta rebelde que se erigiu nesta cidade (Porto), em Maio do ano passado, sabemos que se dirigiram à sua procura para a prender, o major João dos Santos Ribeiro com uma escolta do seu regimento de milícias de Aveiro [...], dirigindo-se ao sítio do Bonsucesso; porém apesar de todas as diligências que fez com o maior zelo para encontrar o dito réu, não descobriu sua paragem mas apareceu em casa de um homem daquele lugar uma pequena caixa fechada e demonstrando-se logo ali que pertencera ao dito réu a fez apreender e depositar judicialmente».

Os oficiais que acompanharam o grupo de milícias com mandado do Juiz de Fora da cidade de Aveiro, José de Sousa Ribeiro Pinto, no sequestro de bens efectuado na sua casa de Verdilhão e posteriormente, por denúncia, no caso de Sebastião dos Santos Barreiro do Bonsucesso, apreenderam «uma caixa de pau de pinho, de comprimento de três palmos e meio, e de largo de palma e meio». Coninha a referida caixa «strastes de prata, linhas e muitos outros papéis avulsos».

Examinados esses papéis, que se encontravam em depósito no caso do encarregado do Depósito de Aveiro, Fernando António de Almeida, verificou-se que dos mesmos constava: «Mais do que uma carta de Francisco Saraua da Costa Refóios dirigida ao rebelde Queiroz, duas cartas de Luís Estêvão Couceiro, um apontamento da mesmo Queiroz sobre as bases do poder da Delegação da Junta Rebelde [...] papéis relativos à revolução do Rio de Janeiro, em 1820 ou 1822, correspondência doli sobre negócios domésticos, vários atestados e certidões relativos à serventia dos lugares da mesmo rebelde, Carta de Desembargador e de Hábilo de Cristo e outras mais desta natureza, um brasão de armas de André de Almeida Pinho, desta cidade».

Continua no próximo número

NA LEITURA DA REGIÃO
PARA OUVIR EM TODO O MUNDO

www.ciberguia.pt/radiomoliceiro

MOLICEIRO
FM 94.4

Cavacas de S. Gonçalves

Beira Mar – Histórias do nosso futebol com humor e fantasia

Manuel Gamelas

E agora, se me é permitido, gostaria de dar alguns "conselhos" aos jogadores de futebol:

Quando o árbitro tem uma "falha humana", porque não se deu conta que por "deficiência óptica", vê melhor para um lado do que para o outro, prejudicando a sua equipa, não deve discutir com ele! Lembre-se que o árbitro tem sempre razão e é necessário uma certa contenção na linguagem verbal ou gestual, com as mãos, por exemplo, doutro modo sai a carolina e nem a presença de milhares de espectadores que testemunharem o erro, poderão valer-lhe.

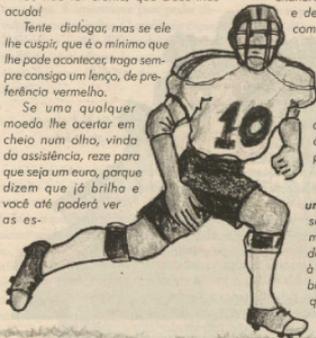
Quando o seu adversário a ofender por palavras ou actos, nunca respondia na mesma moeda.

Se for frente deve conhecer a Bíblia que diz em Mateus, cap. 5 versículo 39: "Eu, porém, não digo que não resistas ao mal mas, se qualquer te bater na face direita, ofereça-lhe também a outra".

O que me parece muito difícil para a comum dos mortais. Só um Santol! Se não for frente, que Deus lhes acuda!

Tente dialogar, mas se ele lhe cuspir, que é o mínimo que lhe pode acontecer, traga sempre consigo um lenço, de preferência vermelho.

Se uma qualquer moeda lhe acertar em cheio num olho, vinda da assistência, reze para que seja um euro, porque dizem que já brilha e vaca até poderá ver as es-



trelas, a que não acontece se for qualquer moeda em vias de extinção. Mas, se o objecto atirado pela assistência for

uma garrata com liquido de cor indefinida veja se consegue burnar-se com chanel e depois atire-se para o chão e descanse enquanto ouvir os comentários.

Não tenha receio, porque não há memória que, num campo relvado, aconteça qualquer mal a um jogador caído na relva a fingir que está em "coma profundo" a não ser uma constipação se estiver a chover.

No caso de você ser um jogador ambicioso desejando aumentar rapidamente o seu magro ordenado, não obstante o seu "amor à camisola", não passe a bola a ninguém. Como a mais que puder, drible toda a gente que lhe apareça

MARTIM pela frente,

incluindo o árbitro, "acerte a mira" e meta a bola de rampante, na baliza adversária.

Conclusão

Verá que o efeito é magnífico! Por fim, entregue a bola com ar de ingenuidade ao guarda-redes enquanto ele tem a boca aberta, porque, se a fecha, pode-o morder!

Se só acertou nos laterais lateral do lado de fora da baliza, entenda-se com o seu treinador que, por carta, tem uma concepção do jogo de equipa muito diferente da sua.

Já vi jogadores que, quando caem, dão ideia que estão "sem esperança de vida". Mas, quando alguém o burrifa com "spray" no local onde apanhou a "pancada", levanta-se rapidamente e começa a correr como uma lebre em dia de abertura de caça. Faça por interpretar a cena com realismo, mesmo que esteja a fazer teatro.

Por vezes, na vida temos que ser actores por exemplo, quando cumprimentamos alguém e dizemos "fomos muito prazer em vê-lo", quando afinal gostaríamos mais que essa pessoa estivesse a milhas de distância.

E por hoje é tudo. Adeus, até ao meu regresso.

Viagens ... Algumas na nossa terra "Camarão Tigre"

Éméde

É não é que estamos já chegados ao norte de Moçambique sem dar por tal?

O meu sentido estético lamentou o facto de a chegada a Tete ser feita não pelo ferry como era tradicional até ali, em barcaças que transportavam gentes, animais e vituvas, onde eu poderia tirar partido da situação e obter belas imagens. Não vider, embora pronta para a inauguração, o nova ponte sobre o Zambéze apenas deixava passar corcas, o que veio delatar por terra todos os bens negócios que me orientavam.

Não foi uma cidade que me tivesse impressionado no ponto de vista do interesse do seu juvenidade para o cinema que se estava a fazer no Con-

tinente. As projecções tiveram lugar no aeroclube local, logo à partida com um público restrito. Meia dúzia de verdadeiros interessados, e o restante para matar o tédio de meio da semana, e imagino que era inverno, e "vestir" uma gravata.

Mas uma coisa os amigos de Tete tinham para nos impressionar! Um passeio de helicóptero sobre a barragem de Cabura Basso. Ai, sim, ficávamos sem fôlo, e só quando o piloto nos perguntou o que queríamos filmar é que nos lembrámos das câmaras. Nós estívimos sempre no alto. Não nos era permitido pousar. Mas mesmo assim, era tremendamente difícil afastar os olhos do grande monumento que, na época, constituía a maior

obra de engenharia portuguesa.

Uma vez levou-nos à província da Zambézia e à sua capital, Quelimane.

Palmares a perder de vista, coqueiros enramos que se encontram até ao mar. É de do mar, mais propriamente na praia, que nos vem uma surpresa.

O comandante da policia local era um cineclubista bem conhecido no Norte, pelo actividade que desenvolvera junto do Cine Clube do Porto, e que se colocou à nossa disposição para uma visita por tudo quanto era belo naquela terra. Levou-nos a conhecer algumas roças importantes, onde se procedia ao abate e preparação de cocos, outras indústrias ligadas à extração de óleos vegetais, e terminámos o passeio, sempre num jipe da policia, a percorrer quilómetros de praias desertas onde tivemos

oportunidade de fazer metros de filme com imagens que nos entusiasmarão. A tarde já caíndo, estávamos já bem longe de Quelimane, e com pena, pensámos no regresso.

Quando o nosso comandante numou de novo à capital, lê-lo mais próximo já bem longe de Quelimane, e com pena, pensámos no regresso. Quando o nosso comandante numou de novo à capital, lê-lo mais próximo já bem longe de Quelimane, e com pena, pensámos no regresso. Quando o nosso comandante numou de novo à capital, lê-lo mais próximo já bem longe de Quelimane, e com pena, pensámos no regresso.

comprezer. Chamou os pescadores e disse-lhes o que pretendia, expressando-se na sua língua.

Avisou-nos que eles iam fingir que pescavam, mas não filmamos. Tudo preparado, mais vale um pássaro na mão... e os senhores entram no mar com aquela lira de rede de cinquenta centímetros de altura, com uns quatro metros de comprimento, atado nos extremos a dois paus. Um entra no mar com água pelo peito, o outro, mais perto de nós, com água pela perna. E arrastam a rede que o nosso guia lhes disse que era suficiente. Os homens compreendem e apressam-se a recolher a rede, encaminhando-se para nós. Traziam o nosso jante. Cinco ou seis magníficos exemplares de camarão tigre, que tinham resolvido colabar com conosco nas filmagens. Pelo impre-

visto, foi motivo de farta brincadeira até Quelimane. Só aí o comandante nos elucidou que aquela pescaria era breve e abundante, pelo que os pescadores são acompanhados por terra por companheiros, que vão fazendo a recolha do pescado. Daí, o facto de eles levarem os sacos vivos...

Convidados pelo comandante, não nos custou nada aceitar o convite, fomos a sua casa comer os nossos preciosos camarões que a esposa preparou grelhados, com um molho de piri-piri e manteiga, apenas abertos ao meio. Estavam uma delícia, mas, sinceramente, talvez pelas saudades, recordámos o sabor do camarão do nosso coto, aquele que se chama de Espinho, e que agora tem andado tão arredado das nossas mesas. Mas é mesmo só das nossas...

Perseguido o oportunista africano, terei oportunidade de vo falar em breve da província de Cabo Delgado, da sua capital, Porto Amélia, e dessa já que dá pelo nome de Ilha do Ivo.



Futebol

Beira Mar à procura de central para enfrentar "leões"

O Beira Mar defronta o Sporting, depois de amanhã, desfalcado de centrais. Caneira, que actualmente faz parceria com Gila à frente da baliza aurinegra, poderá não actuar, por ter sido emprestado pelo clube de Alvalade no decorrer desta época.

De acordo com o treinador do Beira Mar, este é «um problema» que, mais cedo ou mais tarde, iria afectar a equipa; no entanto, e neste caso particular, «estão a ser feitos todos os esforços na tentativa de demover o Sporting». António Sousa referiu que já foram estabelecidos contactos com a direcção leonina

no sentido de viabilizar a utilização de Caneira. Até agora, a resposta tem sido negativa. Apesar disso, Sousa diz estar convencido que irá «impear o bom senso e a sensibilidade» e que o Sporting «irá permitir, até à hora do jogo, a utilização de Marco Caneira», razão pela qual o Beira Mar continuará a insistir junto do clube de Alvalade.

Caso o central não possa alinhar no jogo do próximo sábado, Sousa vai ter uma tarefa complicada em escolher o jogador para fazer parceria com Gila; Eusebio e Jorge Neves são as duas hipóteses para colmar a lacuna no sector defensivo dos

aurinegros, para o encontro com o Sporting.

Sousa otimista para jogo com o Sporting

Apesar do empate caseiro com o Chaves e da inesperada derrota em Coimbra, frente à ao último classificado (Académica), no passado fim-de-semana, António Sousa diz que a situação «não é difícil», até porque há bastantes equipas com com igualdade de pontos ou separadas pela diferença mínima, e, «neste momento, todas elas estão com grandes dificuldades».

O técnico aurinegro considera que, apesar de alguns resultados menos conseguidos, o Beira Mar está a fazer «um campeonato excelente» olhando aos elementos que a equipa possui.

Continuando a apontar a manutenção como objectivo para esta época, Sousa mostrou-se confiante e tranquilo para o jogo do próximo sábado com o Sporting. «Dos clubes ditos pequenos, talvez sejamos a equipa que mais pontos conquistou aos chamados "grandes"; e

para este jogo, independente do grau de dificuldade que representa para nós, neste momento, devido às várias lacunas que tenho em termos de plantel, estamos todos optimistas», declarou Sousa.

Relativamente à tática a utilizar, o técnico aurinegro não adiantou grandes pormenores, mas sempre foi dizendo que o Beira Mar vai ter que ter «um cuidado maior com Simão Sabrosa. «Penso que temos que nos preocupar com o Sporting no seu todo», dado que «que tem um plantel recheado de bons elementos», frisou António Sousa.

A estratégia reside, segundo o técnico do Beira Mar, em trabalhar mais que os "leões"; e se o conseguirmos, estou plenamente convencido que sairemos do jogo satisfeitos».

"Força do Beira Mar reside em trabalhos uns para os outros"

Palatsi regressou à baliza do Beira Mar no passado fim-de-semana, depois de uma lesão o ter afastado dos relvados. Após o jogo frente à Académica, que «não correu muito bem para a equipa», é altura de «olhar em frente»; no próximo sábado «temos um jogo muito importante contra o Sporting, vamos tentar pontuar e, se o conseguirmos, penso que vamos con-

seguir "levantar a cabeça"».

O jogo da primeira volta do campeonato tráz boas recordações para Palatsi, mas, o guarda-redes põe reservas quanto a uma repetição da história do jogo em Alvalade.

Palatsi não se mostra preocupado com a possível alteração (forçada) na defesa. «Quando estamos no campo temos que nos ajudar entre nós, porque a força do Beira Mar reside em trabalhos uns para os outros e sábado vamos tentar demonstrar mais uma vez este espírito», concluiu o guarda-redes.

A possível falta de um central para alinhar ao lado de Gila no jogo do próximo sábado, não preocupa o jogador. «Desde o início do campeonato já joguei com vários colegas a centrais e não tive problema nenhum e também não é isso que me está a preocupar neste momento», salientou Gila.

O bom momento de forma que o Sporting atravessa, actualmente, pode, de acordo com o central, «ser bom» para o Beira Mar. Porque «o Sporting vem com vontade de ganhar e nós damos bem com as equipas que vêm com vontade de ganhar», referiu Gila. Este central, que já marcou dois golos aos outros dois grandes, gostava de «fazer o pleno» marcando contra o Sporting, no entanto, fez questão de realçar que, a sua principal função dentro das quatro linhas é evitar que a equipa adversária marque golos.



Gila: «Damo-nos bem com as equipas que vêm com vontade de ganhar»

Fim-de-semana

Futebol

I Divisão

24ª Jornada

Rio Ave / E. Adorada
Beira Mar / Sporting (dia 27, RTP1, 21:00)
Farense / Académica
Marítimo / Chaves
Guimarães / V. Setúbal
Álvaro / Benfica (dia 28, SIC, 18:00)
Boavista / FC Porto (dia 28, Sport TV, 21:00)
U. Leiria / Braga (dia 26, Sport TV, 21:00)
Salgueiros / Campomaior.

II Honra

24ª Jornada

Aves / Espinosa
Farense / Moreirense
Lamas / Maia

II B

23ª Jornada

Cucujães / Oliveirense
Elvas / Sanjoanense
Ovarense / Benediense

III - Série C

22ª Jornada

Nelas / Anadia
Oliv. Hospital / S. Raque
Avanca / Cesarense
Valecambrense / S. Romão

Esmoriz / Oliv. Bairro
Mealhada / Mangualde
F. Algodres / Águeda

Campeonato Distrital

I Divisão Honra

Zona Norte

Torreira / Milhoinense
Rio Meão / Arouca
SV Pereira / Canelo
Bustelo / Carreganense
Fajóles / Soutense
Lobão / Nogueirense
Romariz / Argoncilhe
Cortegaço / Pinhirense
Zona Sul
Lusa / LAAC
Paredes Baixo / Fermentelos
Pessegueirense / Valonguense
Ribeira / Gafanha

Nege / Pampilhosa
Mourisqueense / Calvão
Oliã / Alba
Oliveirinha / Estrela Azul

I Divisão B

Zona Norte

Univ. Aveiro / Alvarenga
Paivense / Marítimo Murtoense
Amigos Cavaco / Bom-Sucesso
Sardoura / Pedorido
SM Gândara / Sanguedo
Pinhirense / Macieirense
Rocas do Vouga / Alquerubim
FIDEC / Macieira de Cambra
Zona Sul
Parodela / BARC
Casal Comba / Requeixo
Águas Boas / Couvelha
Barcoço / Aguinense
Gafanha d'Aquém / Monsarros

Vista Alegre / Bustos
CRAC / Samel
Fogueira / Carquejo

II Divisão

Mogofores / Covão Lobo
Antes / Oliveirense
Maitense / Palmaz
Macinhatense / Avelãs Caminho

Basquetebol

Liga TMN

Não se realiza este fim-de-semana

I Divisão - Zona Norte

20ª Jornada

Gallitos / Sangalhos
Guifões / Vale Cambra

"Velhas Glórias" do Beira Mar

Elias Abranches de Lemos

"Quem tem Elias, tem tudo!"

O futebol foi sempre a paixão de Elias Abranches de Lemos. Nasceu em Aveiro. Fez 79 anos, no passado dia 19. Integrou o plantel da equipa principal do Beira Mar, de 1938 a 1951.

Fonam 13 anos a jogar por "amor à bola". Deixou de praticar a modalidade, aos 43 anos. Foi sócio do clube aurenegro, mas há cerca de 20 anos que não vai ver um jogo da equipa avernense: desiludiu-se com o clube!

Daniela Sousa Pinto



Em primeiro plano: Raleira; Tarano; Maximiano; Zé Pinho e Paulinha; Em segundo plano: Zé Garmelas; Pedro Moreira; Elias; Sarmento; José Baloiço e Henrique "rei da lenha"

Elias Abranches de Lemos tem saudades do seu tempo de jogar. «Saudades da juventude e dos bons momentos que vivi». Jogou no Beira Mar durante 13 anos. «Sacrifiquei-me muito por este clube, de tempo de mim, muitas vezes mais do que aquilo que podia, mas nunca recebi um tostão. Fui muito sacrificado; joguei muitas vezes sem poder. Mas era muito orgulhoso para pedir um pagamento...»

As suas proezas de jogador começaram nas ruas da cidade onde nasceu. Jogar à bola era mais que um divertimento, era a única coisa que havia para fazer. «Adorava jogar... Por isso, abusavam de mim... Sabiam o quanto eu era capaz de me sacrificar para conseguir bons resultados. Adorava ver a bola a saltitar no relvado...»

Sem nunca ser recompensado pelo seu trabalho, teve nos adeptos do Beira Mar os seus maiores admiradores. Tanto que as raparigas novas gritavam: «Quem tem Elias, tem tudo! As pessoas gostavam de me ver jogar.»

«Não era maldoso. Eu só queria a bola nos meus pés...»

A sua carreira desportiva começou em 1937, no clube de futebol dos Galitos. «Os meus irmãos não me queriam deixar jogar. Primeiro, estava a arte... Depois, este clube desapareceu e convidaram-me para o Beira Mar. Mas eu era "Galito" e não gostava muito da equipa aurenegra. Havia aquela rivalidade... Apesar disso, acabei por aceitar e, em 1938, integrei o plantel da equipa principal da cidade.»

Entretanto, deixou o futebol durante algum tempo, mas o gosto pela modalidade não o deixou ficar muito tempo afastado dos relvados.

Foi sempre um jogador bem comportado. «Não era maldoso. Eu só queria a bola nos meus pés...»

Número na camisola só teve em 1946. «Era o nº 2, porque passei a jogar na posição de defesa-central. Mas qualquer lugar servia para eu jogar. Tinha alguma versatilidade; adaptava-me com facilidade em qualquer posição.»

«Já não sou sócio do Beira Mar, porque as cotas subiram muito.»

Depois de deixar o Beira Mar, ainda foi chamado a jogar noutras equipas do distrito de Aveiro: Quintás, Bustos, Póvoa do Furno, etc. «Mas só deixei de jogar em Lourenço Marques; tinha, então, 43 anos.»

Deixar o futebol não foi muito difícil, «mas tenho muitas saudades... saudades da juventude, dos meus colegas e dos bons momentos que vivi.»

O Beira Mar é a equipa de que Elias Abranches de Lemos aprendeu a gostar. «A minha segunda equipa é o Belenense; sempre gostei deste clube. Já não sou sócio do Beira Mar, porque as cotas subiram muito. Mas ouço sempre o relato e vejo futebol na televisão. Sofro muito a ver ou a ouvir os relatos dos jogos do Beira Mar...»

O clube aurenegro nunca lhe fez nenhuma festa de homenagem, «mas eu também não queria. Se me tivessem, alguma vez, feito uma festa, alguns dos directores, daquela altura, teriam que estar a, pelo menos, 100 quilómetros de distância!»

Reconhece algumas diferenças, mas não muitas, entre o futebol que jogou e o futebol que, hoje, vê jogar. «O futebol é sempre a mesma coisa. Há diferenças; muitas ao nível das condições

dos jogadores, porque eles são profissionais, fazem do futebol a sua vida. Contudo, os equipamentos não têm comparação e os ordenados muito menos! Nós éramos amadores, treinávamos duas horas por semana... A maior diferença é que nós começávamos a jogar a 100 à hora e acabávamos o jogo ao mesmo ritmo. Agora, já não aguentam um desafio de futebol... Que coisa é esta? Mas o futebol é sempre igual.»

Elias Abranches de Lemos considera um exagero os salários que os futebolistas recebem. «É a profissão deles, é certo, mas há muitos que não fazem nada para ganharem tanto dinheiro. É indecente!»

Em questões de arbitragem, as coisas não são muito diferentes de antigamente. «Na arbitragem sempre houve corrupção. E o Beira Mar foi muitas vezes vítima disso mesmo!»



Jogador: Elias Abranches de Lemos
Posição: adaptava-me a todas; em 1947 até joguei, uma vez, à balizal
Características: muito rápido, boa elevação e antecipação

Ora bolas!

Elias conta:

«Desde pequeno que tenho o vício da bola. Adorava o futebol. Há quem diga que jogou por amor à camisola. Eu joguei por amor à bola!»

«O meu mal foi saberem, desde sempre, que eu adorava o futebol!»

«A última vez que joguei foi num jogo das velhas-guardas do Beira Mar. Pediram-me para jogar e eu fui. Mas magoei-me num calo de tal maneira que nem conseguia andar. Fui ao Vicente - "o calista". Ele, quando me viu o pé disse-me: "O que é que foi isto? O homem deixa de jogar à bola! Vacé, agora, já não é nenhuma estrela! Se fosse no seu tempo..." Nunca mais pus o pé na bola!»

«Quando ouço os relatos de futebol, fico muito nervoso, choro muito... São as saudades...»

«O melhor jogador, do meu tempo, foi o Rafael, do Belenense. Hoje, é o João Pinto. É um jogador que sofre muitas cargas indecentemente; é muito perseguido!»

«Gosto muito do Beira Mar... O clube não tem culpa. As direcções é que, enfim...»

«Perdemos um desafio em Ovar, contra o Espinho, que, na altura, tinha o campo interdito, por causa do árbitro, o Sr. Vieira da Costa. Ele andava a apitar e a dar instruções aos jogadores do Espinho. Eu cacei-o, dirigi-me a ele, mas caminhando na direcção da guarda, para eles poderem ouvir. Ele respondeu-me: "Isso que tu sabes, já esqueci." A partir daí, não disse nada aos jogadores da equipa adversária. Mas disse que mesmo que houvesse 100 penalts a favor do Beira Mar, nem um marcovia. Perdemos 2-1, por culpa do árbitro.»

«Nós nunca estávamos cansados nem lesionados. Hoje, passam a vida cansados e magoados!»

«Em 1946/47, chegaram muitos jogadores de fora. Nessa altura tinha de ir de jogar. Um dia, vieram ter comigo e pediram-me para voltar ao Beira Mar. "Mas estava muito convencido, já não treinava há algum tempo, mas fui. Tinha vindo muitos jogadores, e prometeram que me iam pagar, porque os outros também iam receber... Até hoje! Nunca me deram um tostão! A mim nunca me deram valor...»

Empresa de Transportes Álvaro Figueiredo

Há 45 anos, Álvaro Augusto da Cunha Figueiredo fundou uma das maiores empresas do país de transportes e distribuição. Sobrevivendo a tempos difíceis, a Empresa de Transportes Álvaro Figueiredo, SA, conquistou o seu lugar de destaque na área que ocupa e é, hoje, um exemplo de gestão e eficiência. O reconhecimento pelos serviços prestados valeu já à empresa o Certificado de Qualidade, atribuído pela Associação Portuguesa de Certificação (APCER), em 1997; o diploma da Revista Exame para "melhor desempenho do ano no sector de transportes e distribuição", em 1998; e a atribuição do Prémio Excelência 1998, na área de serviços, pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento (IAPMEI).

Marta Reis

Em 1954, Álvaro Figueiredo decidiu seguir a tradição familiar no negócio dos transportes. O pai, nos anos 30, fazia transporte de produtos alimentares em carros de bois, de Oliveira de Azeméis para o Porto, trazendo mercadorias de retorno; viagens que demoravam cerca de uma semana. Mais tarde, os irmãos, vinte anos mais velhos que ele, sucedendo ao pai, foram pioneiros, em Portugal, dos transportes em camionetas.

Quando iniciou a sua actividade no sector, sozinho, quis ser pioneiro num ramo que, até então, não tinha sido explorado. De dois em dois dias, transportava bens essen-

ciais (galinhas, coelhos, bivalves, entre outros) de Aveiro para o mercado abastecedor da Ribeira, em Lisboa. Álvaro Figueiredo relembra os tempos difíceis e o percurso que fazia até chegar à capital. «Começava a carga em Oliveira de Azeméis, por volta das 15 horas, num negociante de galinhas e coelhos que cá existia; prosseguia para Estarreja, Murtoza, Aveiro, Costa do Valado e só em Cantanhede, à uma da manhã do dia seguinte, completava a carga, que estaria na manhã seguinte na Ribeira». Para a viagem de regresso, «apanhava uma outra carga para o Porto, onde chegava na manhã

do dia seguinte para descarregar; depois almoçava e iniciava nova carga em Oliveira de Azeméis».

Um ano mais tarde, em 1955, Álvaro Figueiredo contratou o seu primeiro motorista, abandonando o volante por motivos de saúde e deixando para trás, milhares de quilómetros percorridos quase sem dormir. Os anos 60 trouxeram prosperidade e a empresa teve o seu primeiro mo-

nificativo: em 1963, a firma contava já com seis viaturas para distribuição, número que aumentou para o dobro em apenas seis anos. Nesta década ainda, a Álvaro Figueiredo & Cª Lda. conseguiu também adquirir as licenças de aluguer disponíveis no concelho de Oliveira de Azeméis.

As décadas do crescimento

A prosperidade al-

cançada durante estes anos, sofre um "duro" revés durante o 25 de Abril. A quebra na produção industrial provocada pela grande instabilidade política em que o país de encontrava, reflectiu-se significativamente no transporte de mercadorias, que nos anos de 1974/75, viveram tempos difíceis.

Passada a Revolução dos Cravos, a indústria nacional voltou a conhecer um período favorável. De

acordo com Álvaro Figueiredo, «em 1976 houve uma forte retoma no sector industrial e o transporte rodoviário de mercadorias teve um novo impulso, o que reforçou o crescimento da empresa». Os anos favoráveis que se seguiram culminam, em 1982, com o início do transporte internacional, pela atribuição do Alvará nº26. A internacionalização da actividade da empresa gerou um cresci-



Transportes Álvaro Figueiredo

A "Excelência" aos 45 anos



Empresa de Transportes Álvaro Figueiredo

Empresários & negócios

Uma longa caminhada

mento considerável do volume de negócios. Quase simultaneamente, Álvaro Figueiredo resolve apostar na melhoria da qualidade dos serviços prestados, modernizando a empresa. Os investimentos são realizados na aquisição de novas viaturas e no equipamento para os serviços de assistência e manutenção. A próspera década de oitenta, viu ainda nascer as actuais instalações da Empresa de Transportes Álvaro Figueiredo SA., situadas perto da Zona Industrial de Oliveira de Azeméis, junto ao IC2, antiga Estrada Nacional 1, e inaugurada no final daquela década.

A consolidação e o reconhecimento

A estratégia adoptada por Álvaro Figueiredo nos anos 80, revelou-se eficaz quando, nos primeiros anos de 1990, o sector dos transportes enfrentou uma crise provocada pela desaceleração da produção e actividade industriais. A procura de novos mercados e uma correcta racionalização dos custos, permitiram à empresa sobreviver a mais este revés na indústria nacional, mantendo o volume de negócios crescente e a obtenção de lucros contínua.

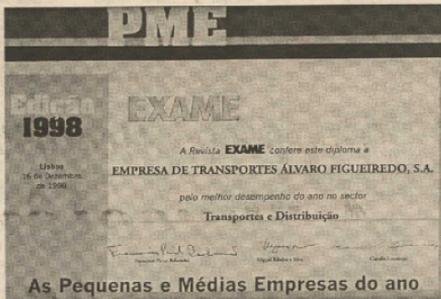
Em 1995, a empresa passa a sociedade anónima, com o alargamento do Conselho de Gerência da empresa aos dois filhos

do fundador: Álvaro e José da Costa Figueiredo.

No sentido de conseguir responder cada vez melhor às exigências dos seus clientes, Álvaro Figueiredo quer continuar a apostar na qualidade e na segurança dos serviços que presta. E foi como

reconhecimento desta aposta de longos anos que a Empresa de Transportes Álvaro Figueiredo, SA. recebeu, nos últimos dois anos, três prémios de prestigiadas entidades nacionais. Em 1997, a Associação Portuguesa de Certificação (APCER)

atribuiu-lhe o Certificado de Qualidade, segundo a norma ISO 9002, emitido no âmbito do Sistema Português de Qualidade. O ano passado, a empresa foi premiada com o diploma da Revista Exame para "melhor desempenho do ano no sector de transportes e distribuição", sendo-lhe atribuído ainda o Prémio Excelência 1998, na área de serviços, pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento (IAPMEI).



Diploma

É atribuído o estatuto
PME associada serviços 20

EMPRESA DE TRANSPORTES ÁLVARO FIGUEIREDO, SA.
pelo seu excelente
desempenho económico - financeiro
e perfil de gestão.

13 Presidente do Conselho
de Administração da IAPMEI

14 Presidente do Conselho
de Administração da AP

15 Presidente do Conselho
de Administração da AP

16 Presidente do Conselho
de Administração da AP



Gestão dos recursos: os recursos humanos

Américo Grego

No seio das unidades económicas, este recurso, que é constituído pelo conjunto formado pelos meios humanos ao serviço da organização, tem uma influência comparável à da qualidade tecnológica. Na verdade, não pode ver-se como maximizar a organização os seus recursos materiais e os tecnológicos, neste era da electrónica e do desenvolvimento dos meios que a incorporam, se, paralelamente, não dispuser de meios humanos equivalentes, em qualidade.

As mais recentes transformações, como por exemplo as operadas no sector financeiro, após a decisão política da privatização, assentaram na reestruturação da pessoal e na formação. Selecção e recrutamento de pessoal com nível de formação académica mais avançada, investimento significativo em acções de formação interna, externa ou à distância para aqueles sobre os quais recaia uma avaliação de que poderiam ser integrados com significativa probabilidade de sucesso.

No relatório e contas de 1996 do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (BES) pode ler-se, de entre as várias componentes da estratégia para o período de 1991 a 1996, a seguinte: Colaboradores identificados com os objectivos fixados e participantes nos resultados (sic).

A participação referida tem a ver com o empenhamento, a capacidade técnica, a autonomia que é delegada, que são solicitados aos trabalhadores e aos quais respondem, porque têm capacidades para isso.

No âmbito dos escritos sobre a gestão dos recursos, de entre as quais os humanos, de salientar a referência do Conselho de Administração dos BES, no relatório e contas referido: "... o número de empregados por balcão diminui uma vez mais e os custos, face ao activo líquido e ao produto bancário (cust to income), tiveram uma melhoria de significativo amplitude" (sic).

A medição do retorno dos investimentos nesta função

A conhecida medida usada em análise financeira e na avaliação de projectos de investimento - ROI (Rendibilidade do investimento: geralmente, o rácio entre os lucros contabilísticos e o valor contabilístico líquido do investimento) - é uma técnica entre as mais influentes para as decisões, frequentemente utilizada na avaliação de investimentos importantes.

Esta medida tem sido ensaiada, também, por estudiosos desta área, na avaliação dos efeitos do investimento em acções de treino e de formação dos recursos humanos.

No entanto, ao pretender-se demonstrar o ROI das acções de formação de pessoal, deparam-se desafios na utilização desta técnica, que têm a ver com a selecção do tipo apropriado de recursos humanos para a análise financeira e a identificação apropriada dos efeitos e a sua conversão apropriada em unidades monetárias.

De facto, demonstrar o apilho dos recursos humanos para permitir resultados, através da melhoria das capacidades do pessoal, envolve um número significativo de factores de inter-relação complexa. Não existe algoritmo ou fórmula estabelecida para expressar em unidades de valor o sentido das beneficias com a intervenção sobre o comportamento.



Coca Cola abre as portas do seu mundo online

Internet

O site, na Internet, da "bebida mais famosa do mundo", tem a cor, a grandiosidade e o dinamismo que a publicidade da Coca Cola transmite pelo mundo fora. Um espaço colorido, recheado de links que permitem um conhecimento da história da empresa, da companhia, e das actividades que a Coca Cola organiza um pouco por todo o mundo.

No site, alojado em <http://www.cocacola.com>, há ainda um espaço reservado a colecionadores, para além de outros onde é permitido jogar com algumas das diversas apostas pela



A Coke is a Coke is a Coke no matter where on the planet you drink it, but a Coke light can be a diet Coke. And a Mello Yello can be a Lychee Mello. Fanta is a dozen different things - Peach a Botswana, passion fruit (what else?) in France, and flower-flavored in Japan (huh?) Other countries have their own flavors--only Italy can pour a Bevèly (and some travelers who've tried it see just fine with that)

Coca Cola, enviar postais a amigos, e ver alguns dos trabalhos imaginativos realizados em garrafas da marca, e catalogados por países.

O link *Mystery* leva-nos ao mundo do imprevisível: guia-nos através de quatro espaços à escolha - *Someplace Cool, Someplace Refreshing, Someplace Fun and Someplace... Else* - onde podemos encontrar desde *downloads* a outras agradáveis surpresas. O espaço de *Trading Post* permite-nos comprar, vender e trocar elementos alusivos à Coca Cola, tais como antiguidades; para tal, a companhia disponibiliza um catálogo, um espaço de classificados, de trocas de *pins* e de *e-cards*, actualizados no dia 26 de cada mês.

Após uma "longa" viagem pelos quatro cantos do site, a Coca Cola apresenta um espaço onde os cibermataus se podem "refrescar". Uma página ligada, para descontração, e aproveitar algumas variedades do mundo da "bebida

mais famosa do planeta".

Outro dos atractivos deste site, reside na possibilidade de podermos dar uma "olhadela" pelos exemplares artísticos da garrafa de Coca Cola, alguns deles verdadeiras obras de arte. O desafio proposto aos países para a criarem com imaginação e criatividade, saldou-se num conjunto de exemplares verdadeiramente brilhantes e que vale a pena verler.

"The Wall" é o link mais "divertido" da página; leva-nos aos limites da animação online e alguns dos melhores espaços que a *World Wide Web* acolhe. É uma janela para o mundo da *Web* que a Coca Cola abre aos seus fãs, para que os horizontes se alarguem cada vez mais num espaço onde há ainda muito por descobrir.

Bélgica, Japão e França são os países que têm um site dedicado à Coca Cola, onde espelham a grandiosidade da marca. Hoje, a companhia opera em mais de 195 países e, enquanto demorou 58 anos para a Coca Cola vender o primeiro bilhão de galões, actualmente a empresa vende mais de um bilhão de galões todos os sete meses.

Cinema

Estúdio Oita

(de 26 de Fevereiro a 4 de Março)

"A Vida é Belo" - Um filme de Roberto Benigni; Actores: Roberto Benigni, Nicoletta Braschi, Giustino Durano.
(14.30h, 16.30h, 18.30h, 21.45h)

Estúdio 2002

(de 26 de Fevereiro a 4 de Março)

"Gato Preto, Gato Branco" Um filme de Emir Kusturica; Actores: Severdzan Bajram, Srdjan Todovich, Sabri Sulejman.

"Gato Branco, Gato Preto": os ciganos segundo Kusturica

"Black Cat White Cat", o último filme do bósni Emir Kusturica, desenrola-se num ambiente de violência barroca, ácida e cómica, simbólica e literar.

Após quatro anos sem filmar, depois de ter rodado "Underground" - visão tinguida das origens da guerra na ex-Iugoslávia - Kusturica consentiu em fazer um documentário sobre os músicos ciganos que haviam participado de "Underground". O filme iria chamar-se "Musika Akrobatika" e simplesmente acompanharia os instrumentistas numa viagem para tocar num casamento, a cerimónia, a festa e a volta para casa, dois dias depois. A imaginação fértil de Emir Kusturica foi criando histórias paralelas sobre o casamento. Por exemplo, pensou que um dos patriarcas da família poderia morrer de véspera e impedir uma união inesejada pelos noivos. Para dar forma a essas temas dispersos, chamou Gordon Mihic, para escrever o argumento de "Gato Preto, Gato Branco".

Após estas alterações ao estilo e forma iniciais, o filme acabou por se transformar numa história de chefes e casamentos desfeitos, com um fim descaradamente feliz e improvável. Uma espécie de ópera-bufa cigana, cujo libreto seria mais ou menos o seguinte: dois patriarcas, um mafioso e o outro industrial, são amigos e não se vêem há muitos anos. O filho de um deles resolve iniciar-se na vida contrabandeando gasolina e entrando em confronto com um perigoso chefe local. O enredo policial mescla-se a uma trama amorosa, na qual um casamento de conveniência é desfeito para que nasçam duas uniões felizes. Um puro conto de fadas, surrealista, ambientado num mundo belo e sórdido ao mesmo tempo - síntese contraditória cuja realização é um dos segredos de Kusturica.

"Gato Preto, Gato Branco" é, todo ele, um caos muitíssimo bem organizado. A música não é uma parte dele - é filme todo. Conduz a acção, propõe os temas, comenta-os, ironiza as situações. A Kusturica se deve um novo uso da banda sonora na concepção cinematográfica moderna. Com a música cigana, de aprofunda aquele tipo de parcerias estreita que havia, por exemplo, entre Federico Fellini e Nino Rota. O cineasta bósni recupera de Fellini, uma influência reconhecida, o tratamento amoroso da dimensão grotesca da vida, a concepção de personagens que podem ser feios, sujos e malvados, mas que passam a viver, no imaginário do espectador, na condição de seres encantados.



O primeiro anúncio da Coca Cola

Música

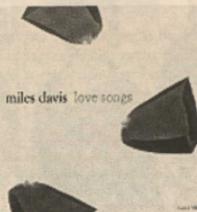
"Love Songs" Miles Davis no seu melhor

"Love Songs" é último álbum que dá a conhecer o trabalho de Miles Davis. Uma compilação de temas produzidos em estúdio (e um em concerto), gravados entre 1957 e 1964, que transmitem a melhor "veia" romântica do trompetista. Os sons intimistas do trompete de Miles Davis unificam as nove composições baladas, escolhidas para este álbum.

Quer encabeçando um dos seus muitos quinteros ou actuando perante uma orquestra de jazz, Miles foi sempre o mestre das melodias como confidências. Os 15 minutos da versão de "My Funny Valentine" são tão calmos e sentidos, que quase nos esqueçamos que a música foi gravada ao vivo no *Philharmonic Hall*. Em "My Ship" e no tema de George

Gershwin "I Loves You, Porgy," os sons de Miles são acompanhados pelos arranjos luxuosos de Gil Evans. Esta compilação de Miles Davis integra os temas "I Fall In Love Too Easily", "I Thought About You", "Summer Night", "My Ship", "Someday My Prince Will Come", "Stella By Starlight", "My Funny Valentine", "I Loves You, Porgy" e "Old Folks".

Miles Davis nasceu em Maio de 1926, em Alton, e morreu em Setembro de 1991, em Santa Mónica (Califórnia). Em meados da década de 60, este trompetista já tinha conseguido conquistar um lugar de destaque no mundo da música jazz; no entanto, o seu génio incansável e sede por uma relevância contínua guiou-o através do jazz



acústico para a um "território mais eléctrico", ainda por explorar. Juntando guitarra e piano eléctricos foi o suficiente para levar à ruptura de stock dos álbuns de Miles. Mas enquanto incorporava *rock* e ritmos *funky* na sua música, Davis nunca perdeu o seu estilo.

Miles Davis mudou o estilo da sua música mais frequentemente do que qualquer outro músico de jazz. A sua carreira teve, pelo menos, oito fases distintas, muitas delas que influenciaram o curso da história do jazz e algumas, de certa, forma controversas.



O desafio das manhãs televisivas

RPT1 Goucha, 10

SIC Júlia, 11



A estação televisiva de Carnaxide tem, desde a passada segunda-feira, um novo programa a pre-

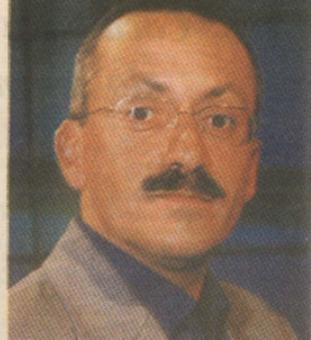
encher as manhãs dos chamados "dias úteis". "SIC Onze Horas", um rival para o "Praça da

Alegria" (RTP1) é apresentado por Júlia Pinheiro e divide-se em três partes com conteúdos distintos: Histórias, Viver Melhor e Praça Pública. Em formato de talk-show, este programa tem ainda uma componente informativa e útil que, segundo a apresentadora, «não são tão evidentes» no "Praça da Alegria".

"SIC Onze Horas", que é transmitido diariamente entre as 11 e as 13 horas, pretende acima de tudo dar voz àqueles que, normalmente, não são ouvidos. O formato do programa, apresentado com um cenário

sóbrio de fundo, é da autoria de Emídio Rangel. O espírito foi herdado do antigo Praça Pública, que preencheu as manhãs da estação de Carnaxide há quatro anos atrás; no entanto, não concorda que o "SIC Onze Horas" seja o "ressuscitar" de «um dos mais emblemáticos programas da SIC».

Este novo espaço matinal da SIC vem rivalizar com o "Praça da Alegria", de Manuel Luís Goucha, um dos programas mais populares da televisão portuguesa. Produzido há já quatro anos nos estúdios do Monte da Virgem, este



programa atingirá em 1999 o programa número mil. Pela "Praça da Alegria" passa o país, desde o artesão ao intelectual, desde a música folclórica ao bailado, desde o debate de ideias ao mais puro entretenimento. Um formato em muito idêntico ao que agora a SIC vai passar a transmitir nas manhãs televisivas, de segunda a

sexta. Apesar de apostar num conteúdo mais informativo e útil que o "Praça Alegria", o "SIC Onze Horas" não diverge muito do alinhamento do "concorrente" da RTP1 e o produtor do programa da estação de Carnaxide refere que não vai ser fácil bater em audiências o "Praça da Alegria".